

Gazeta das Aldeias

N.º 2661

16 DE ABRIL DE 1970



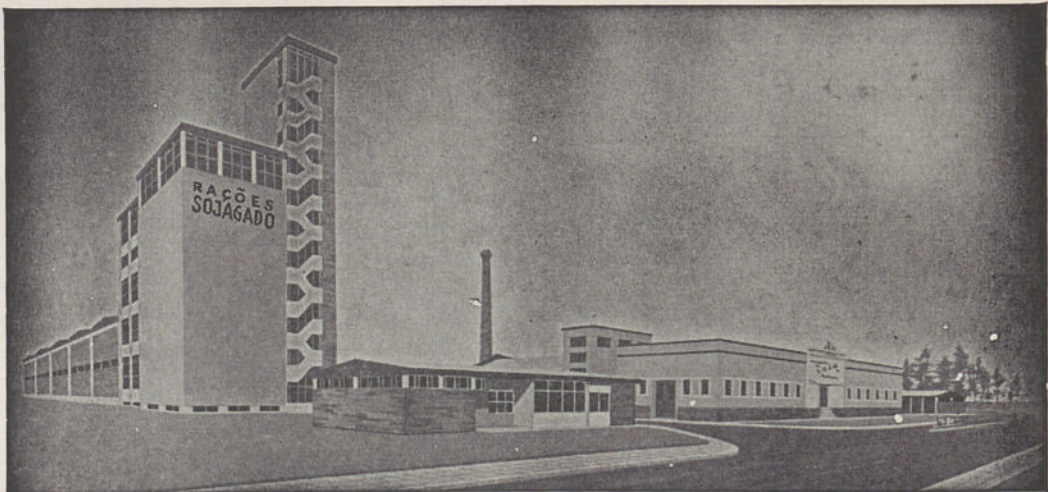
Sala
Est.
Tab.
N.º

ALIMENTOS COMPOSTOS



SOJAGADO

PORTO — OVAR — LISBOA



INSTALAÇÕES FABRIS DE OVAR

as ervas custam dinheiro!

Sim, a jorna das pessoas que as arrancam!

poupe dinheiro!
poupe mão de obra!

'Gramoxone'

É económico.

É fácil de preparar.

Aplica-se com qualquer tipo de pulverizador.

Destroi rápida e eficazmente as ervas daninhas.

É a sacha mais rápida para a sua vinha,
para o seu pomar, batata, ou tomate.

Para todo o tipo de culturas.

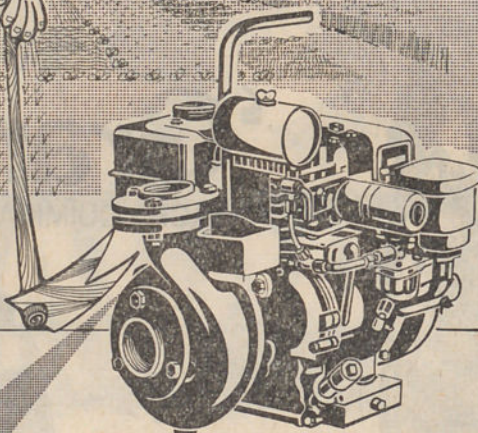
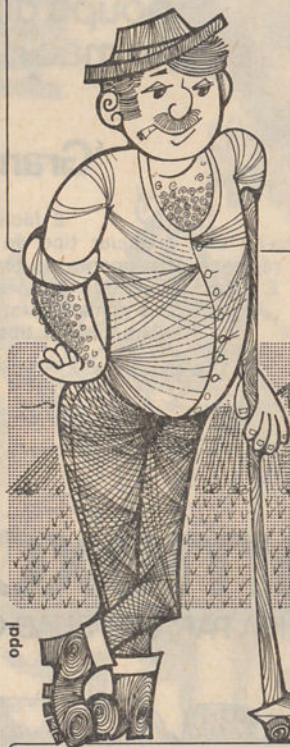
'Gramoxone'

SACHA QUÍMICA PARA AS SUAS CULTURAS!



Companhia União Fabril

SNRS. LAVRADORES...
TIREM O MÁXIMO PROVEITO DAS
VOSSAS TERRAS UTILIZANDO NAS
REGAS OS **GRUPOS**
EQUIPADOS COM OS FAMOSOS
MOTORES



A PETRÓLEO OU GASOLINA
POTÊNCIAS: 1 A 10 HP

**PREFERIDOS EM TODO O
MUNDO PARA TRABALHOS
AGRÍCOLAS E INDUSTRIAIS**

OS MOTORES

BRIGGS & STRATTON

ESTÃO APOIADOS POR UM SERVIÇO
COMPLETO DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA

QUEIRAM CONSULTAR A



Electrónica Lda

RUA SANTO ANTÓNIO, 71 · TELEF. 25800 — PORTO

PLATZ

A mais antiga e mais importante fábrica alemã especializada na construção de máquinas para tratamentos fitossanitários.

Pulverizadores

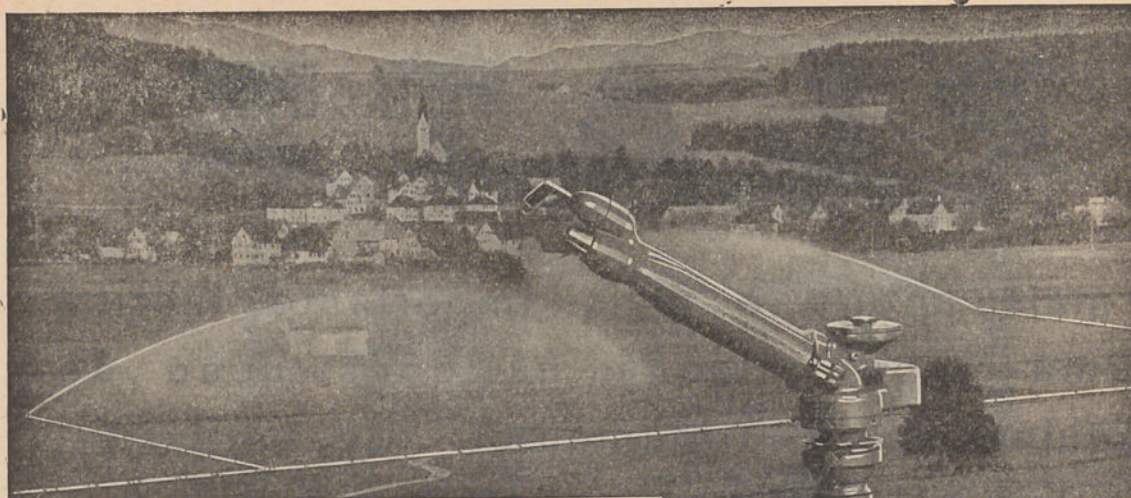
Atomizadores

Polvilhadores

Distribuidores Exclusivos:

Aguiar & Mello, L.^{da}

Praça do Município, 13-1.º—LISBOA



Maschinenfabrik A. HOLZ
Wangen i. Allgäu — Alemanha

4458

Rega por Aspersão

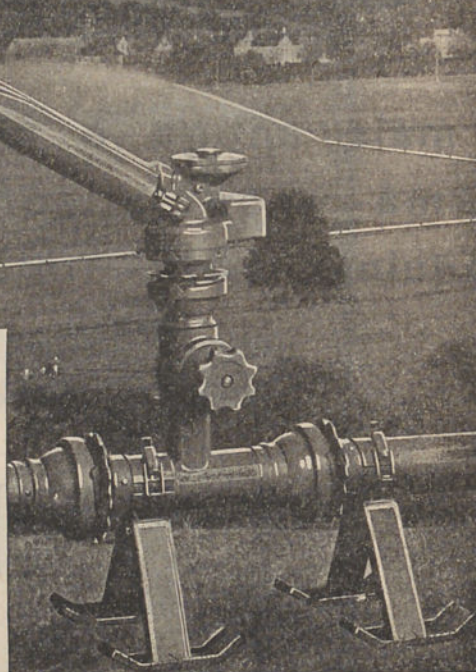
(CHUVA ARTIFICIAL)

para todos os fins

Representante Geral:

Eng.º Paulo C. Barbosa

Pr. Liberdade, 114-4.º
Telef. 20866 — PORTO



Filtros * Bombas * Rolhadores * Máquinas de gasificar * Máquinas de encher * Saturadoras * Mangueiras de borracha e de plástico, etc., etc.

Acido Cítrico * Acido Tartárico * Acido Ascórbico * Sorbato de Potássio * Metatartárico * Carvão «Actibon» * Taninos «Dyewood» (os melhores à venda em Portugal) * Anidrido Sulfuroso * Metabisulfito de Potássio * Solução Sulfurosa * Gelatina Spa-R * Bentonite «Vol-klay» * Fosfato de Amónio * Barro Espanhol * Caseína * Albumina de Sangue * Calgonit (o melhor desinfetante e decolorante de vasilhas) * Permanganato de Potássio * Carbonato de Sódio * Actisolar * Emboçoi * Bono-Suif (Mastic francês) * Mechas de Enxofre * Glutofix (cola para rótulos) * Goma Laca * Goma Arábica * Parafinas (sólidas e líquidas)

Ebuliómetros * Acidímetros * Areómetros * Glucómetros * Mostímetros * Alcoómetros * Termómetros * Vinómetros * Buretas * Provetas * Balões * Copos * Reagentes, etc., etc.

Sociedade de Representações Guipeimar, L.da

Rua de Rodrigues Sampaio, 155-1.º
PORTO

Telefs. 28093
35173

3876

Siga-me... Acompanha-nos a melhor Técnica!



A obtenção de maiores produções por unidade de superfície de terreno cultivado e o barateamento do seu custo, são as bases da solução do problema agrícola.

A cultura do milho, a par de uma técnica apropriada, exige, para se atingir aquela finalidade, o emprego de

HÍBRIDOS acal

Os resultados obtidos pela Lavoura, com produções que facilmente duplicam as conseguidas com os milhos regionais, justificam o emprego dos

9000

Milhos Híbridos



Sendo a produção desta semente limitada, reserve desde já as variedades da sua preferência

HP 21 A

HP 32

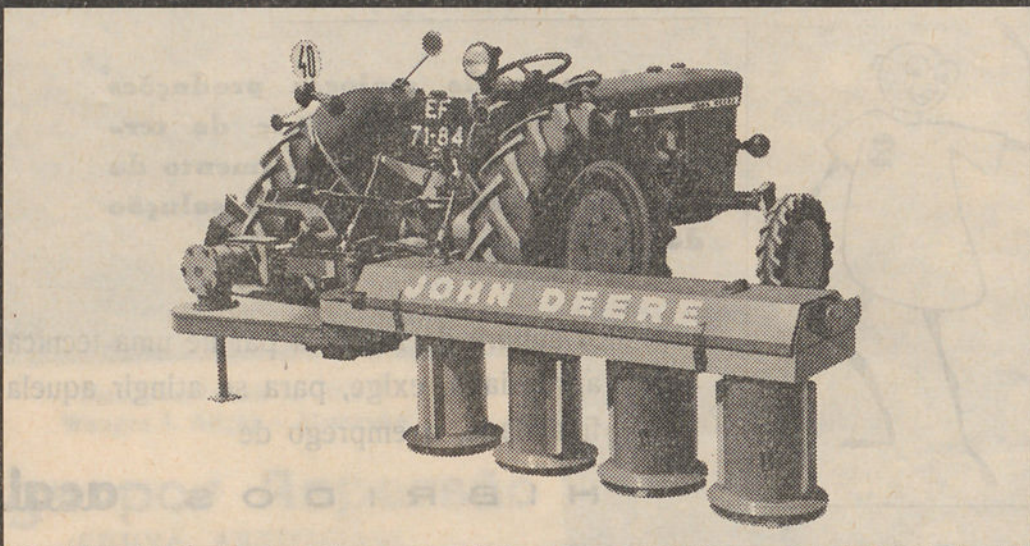
HP 34

HP 35 A

Para conhecimento das características principais destes milhos, peça os **BOLETINS TÉCNICOS** dos **SERVIÇOS AGRONÓMICOS** **acal**

Agência Comercial de Anilinas, Lda.
(SECÇÃO AGRÍCOLA)

Avenida Rodrigues de Freitas, 68 — PORTO — Telef. 55161 (3 linhas)



4 cilindros rotativos ao seu serviço na gadanheira rotativa John Deere

Cilindros independentes para acompanhar as irregularidades do terreno.
Perfeita adaptação a terrenos pedregosos.

Fluxo constante de alimentação que não permite «empapamento».

Lâminas de corte por cilindro — 2

Largura de corte — 1,60 m.

Potência requerida — a partir de 35 C.V.

Velocidade do veio da tomada de força — 540 r.p.m.

Velocidade de trabalho — 10 a 12 Km/h.

Peso — 360 Kg.

Sistema de engate ao tractor — por 3 pontos da categoria I ou II.



SERVIÇO EM CARROS OFICINA
PEÇAS LEGÍTIMAS

John Deere o maior produtor mundial de máquinas agrícolas



SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S. A. R. L. — Avenida da Índia (Pedrouços) — Lisboa — Telef. 61 19 71/4
Filiais, Agentes e Sucursais — Aveiro, Beja, Braga, Bemposta, Chaves, Coimbra, Évora, Faro, Portalegre, Sabugal, Santarém,
Setúbal, Sousel, Torres Vedras, Viseu, Porto, Benavente, V. do Castelo, Mirandela, Vila Real, Rio de Mouro.

bastam duas razões para vencer



ANTRACOL registou mais uma retumbante vitória sobre o mildio. E bastavam dois factos para se consagrar vencedor sem a mais insignificante sombra de dúvida:

A SUA PODEROSA ACÇÃO FUNGICIDA — o ANTRACOL, bem aplicado, forma uma poderosa barreira defensiva que o mildio não consegue atravessar.

A SUA PERSISTÊNCIA INULTRAPASSADA — o ANTRACOL mantém-se activo durante um período que nenhum outro fungicida orgânico ultrapassa. Ora, para além disso, o ANTRACOL combate o pedrado das macieiras e pereiras, retarda ou impede o avermelhamento precoce nas vinhas do Minho, marca perfeitamente a azul as videiras tratadas e elimina o perigo da desfolha nas macieiras Golden.

OS LAVRADORES SABEM TAMBÉM que, devido às suas qualidades, o ANTRACOL se recomenda para aplicação exclusiva da primeira à última cura, e permite, pela ausência de efeitos fitotóxicos, que toda a planta se desenvolva naturalmente.

PARA SUA COMPLETA SATISFAÇÃO, os lavradores partem ainda da certeza de que o ANTRACOL, na sua aplicação, é provavelmente um dos fungicidas mais económicos do mercado, beneficiando da vantagem extra de apresentar as suas doses de emprego normal já pesadas dentro da embalagem de expedição sem o mínimo aumento de preço.

E, para finalizar:

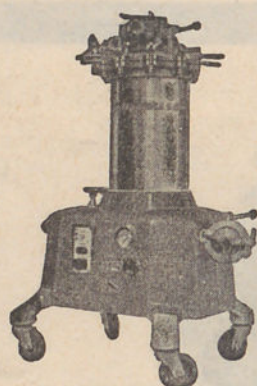
ANTRACOL É UM PRODUTO BAYER. Tem a garantia de qualidade BAYER e assistência técnica em qualquer ponto do país.

Antracol vence o mildio



Antracol... não tem superior

ANTES DE USAR LEIA O RÓTULO



Filtros — *De aço inoxidável, para vinhos, vinagres, azeites, etc.*

W i n o — *Mastique especial para a vedação perfeita do vasilhame.*

Tartrix — *O produto ideal para lavagem e desinfecção de vasilhame vinário, leiteiro, etc.*

Collogel — *O produto que evita a precipitação do cremotartaro nos vinhos engarrafados.*

Produtos Enológicos - Material de Adega - Análises



RAMO AGRICOLA da

4048

Agência Comercial de Anilinas, Lda.

Avenida Rodrigues de Freitas, 68 — PORTO — Telefone, 55161

Sementes

Nacionais e Estrangeiras

para Horta, Prado e Jardim

Insecticidas

Máquinas Agrícolas

Adubos

Simples e Compostos

Consulte o:

Centro Agrícola e Industrial, Lda.

307 — Rua de Santa Catarina — 309
Telef. 25865 — PORTO — Teleg. «AGROS»

Galinhas

Evita e combate doenças de todas as aves . . . AVIOSE

Suínos, Bovinos

(Contra o fastio) — Fortifica e engorda . . . VITA-CEVA

Leitões - Vitelos

Indicado em todas as desenterias, complicações intestinais, etc. . . SOLTURIN

Animais - Aves - Rações

Preparam-se juntando aos cereais ou resíduos «Cálcio + Vitaminas e Antibióticos» (Mais economia e eficiência)

Laboratório da Farmácia Pinho

GUIA — LEIRIA

4809

**Essa é que é essa!
com Gusathion MS
não há bicho que
apareça**



**Gusathion MS
contra todos os insectos e ácaros inimigos dos pomares**

Até há pouco, para lutar contra os diversos tipos de insectos e ácaros parasitas que atacam os pomares na primavera e verão, o lavrador tinha de recorrer sempre a dois ou três produtos diferentes, conforme os inimigos a combater. Hoje, essa tarefa é muito mais fácil. O lavrador tem no GUSATHION MS um insecticida para combater todos os tipos de parasitas dos pomares. GUSATHION MS reúne num só produto as qualidades de um insecticida de contacto ou ingestão e as de um insecticida sistémico.

GUSATHION MS permite, assim, combater eficazmente, ao mesmo tempo, todos os tipos de parasitas que infestam os pomares, como sejam: piolhos, hoplocampas, aranhaços vermelhos, lagartas diversas, bichado dos frutos, lagartas mineiras, psyllas e cochonilhas, incluindo o piolho de S. José e outros.

GUSATHION MS representa, pois, uma vantagem notável para o fruticultor, vantagem que se traduz em facilidade de escolha e aplicação — em economia.

® Gusathion MS

é um produto BAYER



ANTES DE USAR LEIA O RÓTULO



PGS

Os motocultores mais versáteis e adaptados às condições do País

Modelos de 10, 18 e 20 HP com alfaias para os diferentes trabalhos, incluindo reboques, com tracção independente, que atingem elevada velocidade em estrada.



Simplicidade de manejo, economia e robustez.

Larguras reguláveis para maior eficiência e rendimento.

Os motocultores que, diminuindo as despesas, aumentam os lucros.

Assistência técnica assegurada em qualquer ponto do país.

70-PGS-03




SOLICITA INFORMAÇÃO COMPLETA DO MODELO: _____

Nome _____

Morada _____

_____ corte e envie - nos colado num postal _____



 J. J. GONÇALVES, SUCRS. S.A.R.L. ao serviço da lavoura

DIVISÃO AGRÍCOLA • R. Alexandre Braga, 36 - PORTO - Telef. 22868

Gazeta das Aldeias

Fundada por *Julio Gama*

REVISTA QUINZENTAL DE PROPAGANDA AGRICOLA

DIRECTOR

AMÂNDIO GALHANO

Engenheiro Agrônomo

EDITOR JOAQUIM A. DE CARVALHO

Propriedade da Gazeta das Aldeias (S. A. R. L.) • Redacção e Administração: Av. dos Aliados, 66 - PORTO
Telegramas: GAZETA DAS ALDEIAS - PORTO • Telefones: 25651 e 25652Composto e impresso na TIPOGRAFIA MENDONÇA (Propriedade da GAZETA DAS ALDEIAS)
Rua Jorge Viterbo Ferreira, 12-2.º - PORTO

SUMÁRIO

Mais uma vez a exposição de rosas	281
Recordações de uma viagem a S. Tomé—Prof. C. M. Baeta Neves	282
Vocabulário da Ria—Eng. Agrônomo Artur Castilho	288
A Casa do Senhor Rural—Arquitecto J. Pinto Machado	292
Apontamento florestal—Um problema posto à produção—M. A.	295
Temas de Enologia—Enólogo Nobre da Veiga	294
Conservação da Forragem—Eng. Agrônomo Carlos Domingos Ferreira Torres	297
A idade da videira—Eng. Agrônomo H. Bonifácio da Silva	500
Orientação	505
Culturas a usar nos novos regadios—Eng. Agrônomo e Silvicultor Carlos H. Gomes Ferreira	506
Caça e Pesca—Miscelânea—Almeida Coquet	509
Não deixes para amanhã...—Uma directiva necessária ao lavrador português	512
SERVIÇO DE CONSULTAS	
— Medicina Veterinária	515
— Direito Rural	514
Informações	516

A NOSSA CAPA



Silves

ASSINATURAS

Ano	100\$00
Semestre	55\$00
Número avulso	5\$00
Estrangeiro (Excepto Espanha)—mais	50 %

Visado pela Comissão de Censura

Mais uma vez

a EXPOSIÇÃO DE ROSAS

ESTE despertar de Primavera, quando a natureza acorda da letargia invernal e por todo o lado se sente um frémito de vida, vem-nos recordar assunto já por várias vezes abordado nestas *notas*—as exposições de flores.

A agricultura, por todo o lado, é cada vez mais motivação festiva ou turística. Esse aspecto prestava-se a análise que certamente conduziria a conclusões curiosas que talvez o colocassem muito fora do *directo interesse* agrícola.

Mas não é isso o que queremos *anotar* de momento. Para além das feiras e exposições, de âmbito local, regional, nacional ou internacional, dando maior ou menor destaque às produções vegetais ou animais, de pequena ou grande cultura, outras há que já entre nós tiveram uma grande projecção e são, como dissemos, as exposições de flores.

A grande tradição que a floricultura, profissional ou de amadores, teve no Porto e seu agro, parece ter-se perdido. A **exposição de rosas** do Palácio de Cristal—manifestação de requinte, de beleza floral e parada de elegâncias femininas—não teria hoje realização?

Louvavelmente várias autarquias promovem e animam feiras e exposições. A Câmara Municipal do Porto está a organizar as primeiras festas vindimárias e em boa hora tomou essa iniciativa.

Não encontraríamos, os profissionais e os *amadores da floricultura*, ambiente para se renovar a tradição e termos esse cartaz turístico dumã exposição de rosas e quem sabe se mais tarde, bem enraizada ela de novo, umas *floralias* portuenses?! Não queremos admitir que as flores de plástico mataram o culto da flor que tantos cultores teve neste velho burgo.

RECORDAÇÕES DE UMA VIAGEM A S. TOMÉ

Pelo Prof. C. M. BAETA NEVES
Engenheiro Silvicultor

VI

DE acordo com o número previsto e anunciado, para terminar esta série de artigos sobre o mesmo tema geral falta um, o qual será dedicado à Protecção da Natureza, no caso especial de S. Tomé.

Este assunto, em geral ou relação a qualquer exemplo particular, que até há pouco tempo era raramente tratado na imprensa passou a ser este ano, graças ao facto de o Conselho da Europa o ter destinado para uma intensa divulgação a seu propósito, um assunto vulgar, quase banal.

Se outros benefícios não resultarem de uma tal iniciativa pelo menos esse já lhe não pode ser negado; e como «Santos de casa não fazem milagres», começa-se a sentir que dela resultam pelo menos uma rápida sobreposição desse tema à indiferença com que têm sido recebidos até

agora todos os esforços feitos entre nós no mesmo sentido.

Pouco importa que assim tenha sido; o que tem verdadeiramente importância é que o público seja alertado e informado para poder tornar-se mais receptivo e colaborante, como parece começar a revelar-se.

A Protecção da Natureza, tida como uma ocupação ou uma preocupação, de mérito um tanto difícil de compreender, de alguns carolas, passou assim a ser aceite como um movimento cultural de maior valia, já pela natureza dos problemas de que se ocupa, já pela importância e projecção mundial dos mesmos.

É bem caso para se dizer que «água mole em pedra dura»...

Vem assim muito a propósito tratar da Protecção da Natureza em S. Tomé, embora a Província não faça parte da Europa.

Escrever sobre S. Tomé e não tratar, a seu respeito, da Protecção da Natureza, não se compreenderia. O que se passa em S. Tomé, quando encarada a ilha sob o ponto de vista bio-ecológico, é essencialmente um problema de Conservação de Recursos Naturais, designação sinónima mas que, neste caso, traduz melhor quanto se pretende dizer. Nem outro foi o ponto de vista que presidiu às considerações divulgadas nos artigos anteriores ao apreciar alguns aspectos da Agricultura e Silvicultura são-tomenses.

Direi mesmo que andará muito longe das realidades mais evidentes e influentes quem, ao colocar-se em posição idêntica, não escolher como base da sua atitude crítica a Protecção da Natureza.

Poderá haver quem discorde, e isso não me surpreende, mas dos erros cometidos pelos critérios diferentes seguidos são bem eloquentes as consequências.

Para se fazer uma ideia da importância e natureza dos problemas da Conservação dos Recursos Naturais em S. Tomé importa primeiro rever o que a propósito destes foi esclarecido antes de ser iniciada a sua exploração, ou melhor, o que deles se sabe nesta altura, nomeadamente em relação aos de natureza vegetal e animal.

Dentro de uma orientação teoricamente mais perfeita o ideal seria nunca aquela exploração ter sido iniciada sem que o inventário e a apreciação desses recursos tivesse previamente sido feita; mas a verdade é que, como é sobejamente conhecido, o Homem, ao longo de séculos, foi sempre fazendo ao contrário, por várias razões entre as quais pode ser considerada a ignorância das consequências resultantes da orientação seguida e dos abusos que por vezes a acompanharam ou nela tiveram origem.

A relação entre causa e efeito, para muitos casos, só recentemente foi estabelecida com base científica e evidência suficientes para ser aceite por qualquer, pelo que tal facto não pode surpreender ninguém; mas o mesmo já não direi perante os muitos exemplos de decisões tomadas por entidades responsáveis, para o erro dos quais não pode haver a des-

culpa de ignorância da existência de uma tal relação. No primeiro caso é ignorância no último é negligência, o que são duas coisas bem diferentes, a que correspondem graus de responsabilidades também distintos.

Aceitemos no caso de S. Tomé a primeira justificação, para desculpar quanto ali foi feito já nos tempos passados, já em relação aos mais modernos, embora seja muito mais fácil admitir essa justificação em relação aos primeiros do que em relação aos últimos.

Diga-se entretanto em abono da verdade que de tal ignorância não terão a culpa as pessoas mas sim as entidades ligadas ao ensino que não tomaram a tempo as medidas necessárias para, através dele, ter sido feita a divulgação dos princípios fundamentais da Protecção da Natureza e da sua íntima ligação à exploração dos recursos naturais, no sentido da orientação económica e socialmente mais justa dos mesmos.

Com tais considerações poderá parecer ter «perdido o fio da meada», o que não é verdade; apenas se procurou, aproveitando a oportunidade, insistir nos princípios e pontos de vista que se defendem como os mais consentâneos com as responsabilidades colectivas daqueles que se dedicam a essa exploração e, acima de tudo, com as responsabilidades das entidades oficiais de onde emanam as directrizes gerais a que têm de obedecer.

Mas voltemos aos bens naturais, ao seu inventário e natureza, no caso particular de S. Tomé e Príncipe.

A flora foi estudada por vários autores mas deve-se a Exell (ob. cit. em artigo anterior da mesma série) a sua apreciação de conjunto, embora limitada às plantas vasculares, entre as quais se encontram as economicamente mais importantes.

Estará assim tudo feito quanto importa pôr à disposição daqueles que estão ligados à Protecção da Natureza, para poderem dar as suas sugestões e conselhos a quantos se dediquem à exploração dos bens naturais?

Infelizmente não, longe disso; embora seja uma obra notável e fundamental, onde se encontram muitas e preciosas informações, ainda não é tudo.

Mais do que um inventário sistemático interessa um estudo ecológico, e este ainda não está feito com a extensão e profundidade necessárias.

Já o Professor Júlio Henriques (ob. cit. em artigo anterior da mesma série) havia feito uma apreciação à flora são-tomense e as considerações a seu propósito não deixam de ter interesse para o mesmo fim, contudo não chegavam, tal como não chegam aquelas outras que se encontram na obra de Exell.

Em qualquer delas são fornecidos dados sobre a percentagem relativa dos endemismos e das plantas de diversas origens; são estabelecidas relações de ordem fitogeográfica; são feitas considerações sobre a provável origem e evolução da flora; são destacados os elementos exóticos, nomeadamente os de interesse económico mais evidente; são dados elementos sobre a ecologia e valor económico dos produtos de certa espécie.

Mas quando se procura nessas fontes um pouco mais para satisfação das exigências da Protecção da Natureza, como base da apreciação crítica dos problemas que em S. Tomé lhe dizem respeito, não se encontra nelas tanto quanto seria para desejar.

Em relação à fauna a situação é idêntica, mesmo que a apreciação a fazer se limite aos Vertebrados.

Depois das numerosas contribuições para o seu estudo da autoria do Professor Barbosa do Bocage e de muitas outras, de origem nacional ou estrangeira, do século passado, não são muitas aquelas que vieram juntar-se-lhe nos últimos tempos e actualizar e completar essas primeiras.

Destaco no entanto, entre a bibliografia mais recente, o trabalho do Professor Frade «*Aves e mamíferos das ilhas de São Tomé e do Príncipe — notas de sistemática e de protecção da fauna*» (Conferência internacional dos africanistas ocidentais, S. Tomé. Comunicações. 6.ª Sessão, 4.º Volume, 1956, pág. 137) e a de Dean Amadon «*Avian systematics and evolution in the Gulf of Guinea*» (Bulletin of the American Museum of Natural History. Volume 100, article 3,

New York, 1953), trabalho este feito sobre a colecção de José G. Correia.

Qualquer delas tem manifesto interesse e ainda que a primeira destaque os aspectos de protecção, mesmo assim ainda não chega ao limite que se pretende e se necessita atingir para poderem ser postos em equação, com a segurança necessária, os problemas da Protecção da Natureza no caso particular de S. Tomé.

A situação também não é aqui satisfatória.

* * *

Durante a minha tão breve estadia nessa ilha não me foi possível aprofundar tais problemas, como é óbvio, no entanto não deixei de procurar entrar em contacto com alguns deles, ainda que muito modesta, incompleta e fugazmente.

Destaco em relação à flora e à apreciação sobre as variadas exóticas que dela fazem parte, o caso da *Lantana Camara* L., encontrada para sul de Água-Izé, embora relativamente comum no litoral, em volta da cidade de S. Tomé como se pode concluir da informação prestada por Exell (ob. cit.).

Segundo Mario Mire («*Algumas plantas nocivas pelo seu carácter infestante (contribuição para o seu estudo)*»). Instituto de Investigação Científica de Moçambique, Junta Provincial de Povoamento, Lourenço Marques, 1963), trata-se de uma planta originária das Américas Central ou do Sul, que foi trazida para África como planta ornamental, tal como para a Europa (existe por exemplo na Tapada da Ajuda); e embora lhe atribuam um carácter invasor nas regiões tropicais e subtropicais, a verdade é que em S. Tomé não a encontrei em condições que permitissem afirmar comportar-se ali como tal, de molde a ser considerada como uma planta prejudicial. É possível contudo que existam outros exemplos além daqueles por mim observados a justificarem conclusão diferente, o que contudo não me foi referido.

Das muitas outras exóticas existentes em S. Tomé não observei qualquer caso de invasão que constituísse problema técnica e economicamente importante, o que pode corresponder apenas a falta

de informação, quer a partir de observação pessoal quer de esclarecimentos prestados por outrem; é no entanto um assunto a estudar em profundidade, para o qual a abundância de plantas dessa natureza naquela ilha oferece uma oportunidade rara e do maior interesse.

Como espécies extintas, raras ou em perigo de extinção, nada me foi possível apreciar, no entanto não quero deixar de me referir ao *Podocarpus Mannii* Hock, único e original representante do grupo das Resinosas na flora endémica de S. Tomé, o chamado Pinheiro da Terra ou de S. Tomé, cuja protecção bem merece ser considerada por não existir em abundância que garanta a ausência de perigo quanto à sua existência no futuro, embora não seja, segundo julgo, objecto de qualquer exploração.

Quanto à fauna pouco me foi dado observar; no entanto recordo-me pelo menos de ter ouvido fazer algumas referências a três espécies, qualquer delas sofrendo a nefasta influência humana e, portanto, até certo ponto ameaçadas por esta. A espécie de símios, *Cercopithecus mona*, conhecida pelo nome vulgar de Macaco de S. Tomé, que por vezes causa os seus prejuízos nos cacauzeiros, razão pela qual é perseguido e morto a tiro; a espécie de ofídio *Naia melano-leuca* conhecida pelo nome vulgar de Cobra preta, cuja área se foi reduzindo à medida que foi destruída a floresta espontânea, mantendo-se actualmente em especial no «óbó»; e a espécie de ave *Psittacus erythacus princeps*, Papagaio do Príncipe (*), cujas medidas de protecção parece terem sido bastante eficientes.

O Prof. Frade (ob. cit.) indica como espécies caçadas, embora não possam ser consideradas como elementos da fauna cinegética propriamente dita, as seguintes espécies de Aves: *Vinago s. thomae* na ilha de S. Tomé e *V. australis* na ilha do Príncipe, conhecidas pelo nome vulgar de Cécias, designadas cientificamente antes por *Treron (australis) s. thomae* Gmlin e *T. australis virescens* n. sp., respectiva-

(*) Segundo Amadon (ob. cit.) esta espécie deve hoje ser designada por *Psittacus erythacus* Linnaeus.

mente, segundo Amadon (ob. cit.); *Columba thomensis* Bocage, o chamado Pombo bravo; *Chrysococcyx cupreus insularum* Chapin e Moreau, da ilha do Príncipe, conhecida por Ossobó; e *Phalacrocorax africanus africanus* (Gmelin segundo Amadon, ob. cit.), Mergulhão a que em S. Tomé se chama Pato.

São ainda perseguidas, segundo o mesmo autor, as espécies *Agaponis pullaria pullaria* (Linnaeus segundo Amadon, ob. cit.), Periquito de S. Tomé e *Milvus migrans parasitus* (Daudin segundo Amadon, ob. cit.), o primeiro para vender como ave ornamental e o último pelo desbaste que faz nas galinhas.

O Professor Frade indica ainda como úteis, por serem elementos polinizadores, nomeadamente do Cafèzeiro e do Cacaueiro, as espécies de Aves, *Cyanomitra newtoni* Bocage e *Nectarinia thomensis* (= *Cyanomitra thomensis* Bocage citada por Amadon, obr. cit.?), em S. Tomé e *Cyanomitra hartlaubi* no Príncipe.

Como espécies protegidas indica a seguinte lista:

Bubulcus ibis ibis (L.) — S. Tomé e Príncipe.

Skardiornis melanotos (Pennant) — Espécie não residente.

Coturnix delegorguei histrionica Hartlaub.

Gallinula angulata Sundevall — Príncipe.

Glareola nordmanin S. Fischer — Príncipe.

Columba (arquatrix) thomensis Bocage — S. Tomé.

Streptopelia senegalensis thomé Bannerman — S. Tomé e Príncipe.

Treron australis virescens Amadon — Príncipe.

Treron S. thomae (Gmelin).

Chrysococcyx cupreus insularum Chapin e Moreau — S. Tomé e Príncipe.

Hirundo rustica rustica L. — Príncipe, não residente.

Lamprocolius ornatus Daudin — Príncipe.

Onychognathus fulgidus fulgidus Hartlaub — S. Tomé.

Além dos casos anteriores que possam ser englobados na lista publicada juntamente com o Decreto 40 040 de 20 de Janeiro de 1955, no «Diário do Governo», 1.ª Série, N.º 16, da mesma data, suponho nada mais haver a acrescentar em relação às Aves.

No caso dos Mamíferos o Professor Frade, além do macaco que indica como objecto de caça e cuja extinção declara que se deve evitar, tanto mais que embora apareça noutros territórios ultramarinos não existe em mais nenhuma província portuguesa, refere a existência de 5 espécies de morcegos, duas das quais, *Cynonycteris straminea* (*Eidolon helvum*) e *Phyllorhina thomensis*, diz poderem ser prejudiciais por se alimentarem de frutos e sementes de várias espécies de plantas, entre as quais as Mangueiras e Papaieiras.

Como espécies exóticas, com interesse pelos benefícios ou malefícios que produzem no primeiro caso e que causam ou podem causar no último, cita o carnívoro *Civetictis civetta*, Gato de algália ou almiscarado, produtor de almiscar e caçador de ratos e cobras, e as três espécies de ratos, *Mus rattus*, *Mus norvegicus* e *Mus musculus*, a cuja abundância correspondem devastações graves, razão pela qual a sua destruição é estimulada pelas administrações das roças (*).

* * *

Os problemas da Protecção da Natureza são muitos e variados, e neste artigo apenas se referem alguns, os mais directamente ligados com a Fauna e a Flora, considerando em especial o problema da introdução de espécies exóticas e as suas consequências, e a protecção das espécies indígenas em perigo de extinção.

Por quanto se disse pode-se concluir que não existem, ou pelo menos não foram até agora assinalados, problemas muito graves; há espécies extintas ou em perigo de extinção é certo, e há espécies exóticas que se tornaram verdadeiras pragas.

(*) A nomenclatura científica usada é a adoptada nas obras citadas, a que se fizeram algumas correcções, da responsabilidade do autor, com o fim de estabelecer a correspondência entre os autores diferentes citados.

Quanto às primeiras Greenway (J. C.) (*Extinct and Vanishing Birds of the World*, N. Y., 1958), indica as espécies *Bostrychia olivacea rotchschildi* (Bannerman) da Ilha do Príncipe, e *Neospiza concolor* (Bocage) de S. Tomé, conforme também consta da «*Liste d'oiseaux éteints ou présumés d'être depuis 1600*» publicada pela União Internacional para a Conservação da Natureza e dos seus Recursos.

O problema principal quanto a mim é o da necessidade imperiosa e urgente não só de manter e intensificar a protecção das espécies já dadas como em perigo de extinção, mas também de serem estudados todos os problemas dizendo respeito à Protecção da Natureza em S. Tomé e Príncipe, nomeadamente o da criação, nas duas ilhas, de Reservas integras e Parques nacionais.

Numa e noutra há ainda área bastante em condições de pureza e conservação que permitem destiná-la para esse fim.

Poderá objectar-se que sendo propriedade particular e não tendo qualquer interesse económico imediato, a sua protecção está consequentemente garantida, ao que eu responderei não permitir essa situação satisfazer algumas das condições fundamentais que visa a Protecção da Natureza, tanto no presente como no futuro.

Se se trata de áreas particulares o que há a fazer é o Estado recorrer às normas jurídicas, existentes ou a criar, pela aplicação das quais se consiga o fim em vista, atendendo, claro está, até onde seja possível, aos interesses dos seus actuais proprietários.

O que não pode é hesitar-se em defender os interesses colectivos perante interesses particulares, embora se admita e aceite haver a maior vantagem em ser procurada uma solução que os harmonize tanto quanto possível.

Em meu entender na situação actual, apesar das circunstâncias serem favoráveis, não está segura, como é fundamental, a protecção a longo prazo do «óbó», e essa protecção não pode deixar de ser oficial e definitivamente assegurada.

Para já podia pensar-se na sua submissão obrigatória ao regime florestal e depois, à medida que o problema fosse estudado pelas entidades oficiais e parti-

culares interessadas, se procuraria uma solução mais consentânea com as exigências da Protecção da Natureza.

Pode ainda objectar-se que não há entidade para se encarregar da administração e fiscalização do parque e das reservas a constituir, ao que eu responderei que só é necessário organizar nos moldes apropriados o sector florestal dos serviços agrários oficiais da província.

Admito ainda a criação de uma **Estação de Biologia** em S. Tomé, a qual dependendo da Universidade de Angola e da Junta de Investigações do Ultramar, daria o necessário apoio àquele sector e ainda se encarregaria dos muitos estudos sistemáticos e bio-ecológicos que é indispensável vir a fazer nessas áreas.

Essa Estação, com um pessoal permanente reduzido, teria instalações laboratoriais e aposentos para todos os cientistas e técnicos, nacionais e estrangeiros, que periódica ou acidentalmente, demoradamente ou de passagem, ali precisassem de uma base para realizarem as suas investigações em S. Tomé e Príncipe.

E não se trata de «castelos no ar»; trata-se de uma ideia cujo interesse nacional, e até internacional, julgo mais que evidente.

* * *

S. Tomé é um local de um atractivo raro sob o ponto de vista biogeográfico e ecológico; se ainda não tiramos dele todo o partido que oferece, urge fazê-lo para que se não diga que não soubemos aproveitar o que, estando nas nossas mãos, temos a obrigação de aproveitar o melhor possível, no sentido do interesse do maior número.

Explorar as duas ilhas que formam a província no sentido económico já o temos feito há séculos, mas estudá-las é que ainda não passamos, aparte algumas e honrosas excepções, dos primeiros passos. A todo o momento e em todos os sectores encontramos grande número de nomes de autores estrangeiros que se anteciparam aos nossos e que continuam a estudar material de S. Tomé e Príncipe, ou pelo menos interessados em o fazer.

É certo que nós também temos feito alguma coisa, nomeadamente no campo da Zoologia, quer no tempo do Professor

Barbosa du Bocage, no século passado, quer ultimamente sob a orientação do Professor Frade do Centro de Zoologia da Junta de Investigações do Ultramar; e no campo da Pedologia, Agricultura e Entomologia, a que estão ligados os nomes dos autores das obras referidas nos artigos anteriores da mesma série. Mas as lacunas existentes ainda são enormes no caso da Protecção da Natureza.

Para já, e considerando mais a necessidade de garantir o futuro do que o presente, deve-se em meu entender criar, quanto antes, as Reservas integrais e os Parques nacionais que um estudo feito por especialistas nesse sentido o justificar, aparte a intensificação das medidas de protecção a algumas espécies animais já decretadas e a criação de algumas outras em relação às espécies de plantas mais declaradamente em perigo de extinção.

Para que o progresso da província seja completo essas decisões considero-as indispensáveis; à medida que se corrigem as anomalias económico-sociais que tanto prejudicaram o seu evoluir e se aperfeiçoa e intensificam as iniciativas de fomento agrícola, pecuário e industrial, importa, em paridade de importância e oportunidade, dedicar igual interesse a tudo quanto diz respeito à Conservação dos Recursos Naturais.

Só assim se poderão evitar os malefícios que, a par dos seus evidentes benefícios, poderão resultar do surto de progresso que ultimamente se tem verificado na Província, graças à rara e excepcionalmente aberta e ponderada acção do seu Governo e da colaboração que este tem, tão judiciosamente, sabido procurar.

Direi ainda e por último que em matéria de Protecção da Natureza as medidas a tomar, para serem respeitados os seus direitos e colhidos os seus benefícios, não podem ser interminavelmente adiadas, pois quando menos se espera desaparece para sempre mais alguma espécie animal ou vegetal, surgem novos problemas resultantes da introdução imponderada de alguma espécie exótica, ou deixa de existir qualquer possibilidade de reservar para as gerações vindouras alguma amostra suficientemente significativa e ampla

(Conclui na pág. n.º 302)

Vocabulário da Ria

Pelo Eng. Agrónomo ARTUR CASTILHO

AS ÁGUAS

Andaço—Registado como de Estarreja a significar «vaga ou onda que se levanta imprevistamente».

Aperria—Nos braços da Ria ponto onde a corrente de água é mais veloz.

Aua—Na gente inculta, muitas vezes substitui *água*, que também se pronuncia *auga* e *áugua*.

Esta modalidade fonética poderá explicar, justificar, o topónimo *Aveiro* por *Aueiro* já que, no passado, frequentemente o *U* servia de *V*. É perfeitamente aceitável que a uma zona da beira-mar, mais ou menos extensa, se chamasse *Aueiro* por *Agueiro* ou *Augueiro* como *Aguaçal*, isto é largo trato de terra coberto de água temporariamente ou permanentemente.

Esta interpretação é mais simples do que outras aparecidas e até do que a mais aceitável de Ferreira Neves, aliás muito afins (1).

(1) Arquivo do Distrito de Aveiro. Revista trimestral para a publicação de documentos e estudos relativos ao distrito. Vol. III N.º 6, pág. 81 a 98: «Origem e Etimologia de Aveiro».

Um topónimo da Gafanha poderá corroborar. Figura num auto de arrematação, reproduzido na monografia do P.ª Vieira Resende (1):

«... para o quemandei ao dito porteiro tomace hu ramo verde na mã, e que com elle pella dita praça publica apreçoace em vox alta e inteligivel que cento e dezouto mil reis davã por vinte e dois meios de marinha, citos no Rio desta mesma villa, onde chamã o Agoeiro que era termo da villa de Vagos, . . .
.
e tomando o dito ramo verdena mã, com elle andou passando na dita praça de huma para outra banda, dizendo em vozes altas e inteligiveis que os ditos cento e dezouto mil reis lhe davã por vinte e dois meios de marinha, citos no Rio desta villa, onde chamã o Agoeiro, lemite da de Vagos».

Aueiro—1. Forma antiga de Aveiro, em que se encontrará a verdadeira origem do topónimo, contra fantasias que têm aparecido. Alguns exemplos documentam:

«O taballiam que hy serue paga pesam ê *aveiro*».

«E se mais trazer nã da a mais seguido se paguara ê *aveiro* asy se fara aqui».

«fernã De Saa creliguo De missa morador em *aaueiro*».

«E que ja este anno hi morrerom quatro homens bõos que auia em *aveiro*».

«nenhuu direito Nem dizymeas porque entram em outro Ramo E recadar se am pollo foral *daueyro*» (2).

Bajoco — 1. Os dicionários igualam a *Baiôco*, assim definido: «Pequena moeda dos estados romanos, que valia a décima parte do júlho».

2. Em Avanca (Estarreja), «charco ou cova de água em que há pedras e ervas nascediças».

Cal — Não trazem nem C. Figueiredo nem Morais, como *braço* ou *canal* da Ria. Numa escritura de 26 de Agosto de 1826 lá aparece com este significado:

«E paga de foro o conteudo na dita verba parte de soão com cal que vai para *Esgueira e marinha que hoje é de Manuel Sarnige, e do norte com marinha de Francisco Brandão...*» (3).

Cala — 1. Os dicionários registam com outros significados: «Pequena enseada entre rochedos» (C. Figueiredo). «Pequeno porto ou enseada muito entranhada na terra e com as margens muito alcantiladas» (Morais). «Passagem entre baixos apenas acessível a embarcações miúdas» (Morais).

2. Na Ria o mesmo é que *cal*.

Cale — 1. C. Figueiredo define como a «parte mais funda dos rios entre parceis», e Morais quase identicamente: «Parte funda e apertada de um rio».

2. Na Ria vale como *cal* e *cala*.

(2) Arquivo do Distrito de Aveiro I, 279, 322; II, 89.

(3) *Monografia da Gafanha*, Padre João Vieira Rezende, pároco da Gafanha da Encarnação, 2ª edição correcta e aumentada. Prefácio do doutor Orlando Ribeiro. Publicação subsidiada pelo Instituto Para a Alta Cultura. Coimbra, 1944. Coimbra Editora, Lda., 364 págs. e 1 er. — Pág. 325.

Cambeia — Os dicionários incluem dois sentidos: 1. Ruína produzida pelos vendavais nos muros das salinas. 2. Boca que os muros apresentam no lugar do desmoronamento.

Também é o corte produzido pelas águas nos marachões.

Afirmou Rocha e Cunha (4):

«O molhe também sofreu prejuizos importantes abrindo as águas uma *cambeia junto da margem da Gafanha por onde se precipitaram com grande velocidade para a barreta da Vagueira...*»

Corga — 1. Nos dicionários vem como «regueiro, sulco».

2. Em partes da região, como *Macieira de Alcoba*, equivale a *ribeira* ou *ribeiro*. Escreveu o ilustre sacerdote P.^e João Domingues ao referir alguns aspectos geográficos e humanos de sua terra natal (5):

«*Corgas*. Três *corgas* nativas que fecundam os vales, por onde correm e vão depositar as suas águas no Rio já referido (*Águeda*)...»

Corno — O mesmo que *braço*, *braço-de-rio*, *esteiro*. No meado do século XVIII (1758) informou o pároco de Ílhavo, rev. João Martins dos Santos (2):

«*Já dissemos que o nosso rio he um corno ou braço do de Aveyro bem conhecido, e celebrado nas historias. He Caudaloso, em todo o anno.*»

Cova-de-água — Na Ria, antigamente o mesmo que *cisterna*, isto é reservatório para água. Num manuscrito anónimo do século XVIII aparece (4):

«*Vagos... tem mais uma sisterna ou cova de agoa, a que os vagueiros chamam fonte nova q. dá pouca agoa.*»

(4) *O Porto de Aveiro*, S. Rocha e Cunha, capitão do Porto de Aveiro. Conferência realizada em 5 de Maio de 1923 na sede da Associação dos Engenheiros Civis Portugueses. Lisboa, 1924. Ofic. da Sociedade Nacional de Tipografia. 34 págs. a 2 colunas com VIII plantas — Pág. 18.

(5) *Arquivo do Distrito de Aveiro*. VI ano (1939). N.º 24 (Dezembro) — Pg. 257.

Duas-Águas — Na Ria, o troço inferior, mais próximo da barra, onde se misturam, em maior quantidade, as águas do mar e as do Vouga.

Encorar — 1. Para os reformadores de Morais é «empoçar ou represar (água) em tanque, vala, rego, etc.».

2. Mas na Ria também é deter-se a água que ainda vasa quando a maré começa a encher.

Endicar — Forçar a seguir uma corrente de água em determinado sentido por meio de um dique adequadamente construído.

Lembrou Nascimento Leitão no seu trabalho final de curso médico (6):

«Os coroneis Oudinot e Gomes de Carvalho conseguiram fixar-a (a barra) na actual posição por meio d'um molhe, que do sul lhe endica as águas no extensão d'um quilometro atravez da duna».

Fieiro — 1. Para Cândido de Figueiredo e os reformadores de Morais é o mesmo: «Prov. min. Linha de areia, médão, que se deposita à beira-mar, e sobre que se estendem redes e seca peixe».

2. Na Ria é depressão do leito do rio onde a corrente é maior.

Folsa — Braço da Ria, secundário.

Esteiro — 1. Definem aproximadamente os dicionários, em particular os de Cândido de Figueiredo e reformadores de Morais: «Braço estreito de mar ou rio que entra pela terra dentro». Pode servir quanto ao mar. Mas relativamente ao rio... um braço de rio a entrar pela terra dentro...

2. Em verdade trata-se de um braço de rio que se forma nas proximidades da foz em virtude das condições do terreno: plano e facilmente cortável.

(6) *A Bacia Hydrographica de Aveiro e a Salubridade Publica (Esboço de Estudo)*, António do Nascimento Leitão. Dissertação inaugural apresentada à Escola Médico-Cirúrgica do Porto. Porto, 1906. Imprensa Portuguesa. 177 pgs. — Pg. 57.

Ajuda à compreensão o dr. Alberto Souto (Ob. cit., 41):

«O que se torna, sem dúvida, muito difícil, e no caso presente impossível, sem um metódico trabalho de sondagens geológicas e outras explorações nos terrenos alagados nas ilhas, nas cales, nos esteiros e nos vales marginais—trabalho que só qualquer missão oficial ou científica realizaria—é determinar as épocas das oscilações».

Mas o dr. Alberto Souto emprega-o noutro sentido (Ob. cit., 95):

«Os rios desembocam no mar por uma cortadura da costa, a que se dá o nome de esteiro ou estuário, e que tendo sido escavado outrora pelas águas torrenciais, apresenta uma capacidade excessiva para as águas actuais».

Labacheira — Igual a abafeira, aguacal, alagoeiro, alagoto (Alentejo), alberca ou alverca, chabouco, charca, charcò, lagoeiro, paúl, patameiro (Alentejo): maior ou menor porção de água estagnada em depressões do terreno, seguidamente a chuvadas.

Lago — Local do mar, a pequena distância da beira, onde não quebram as ondas e há, consequentemente, apenas remanso de águas.

Lançamento — Fase da maré viva em que é atingida maior altura.

Levada — 1. Juntaram os reformadores de Morais: «Corrente de água derivada geralmente de algum rio e pelo caminho regando campos, movendo moinhos e maquinismos de fábricas, etc.... — Rego condutor de água pluvial para os tanques».

2. Na região, especialmente em Ílhavo, é a própria corrente de água natural, equivalente a ribeiro ou rio.

Escreveu Rocha Madail (?):

(7) *Illiabum. Série de subsidios para a história de Ílhavo*. 1 Projecto de Brasão d'armas concelhio por António Gomes da Rocha Madail. Câmara Municipal de Ílhavo. Coimbra, 1922. Gráfica Conimbriense Limitada. 1 gr. e 96 pgs. — Pg. 31.

«Estes bairros (os mais importantes) chamemos-lhes assim, ainda há bem pouco tempo eram como povoações simplesmente vizinhas umas das outras, separadas pelas *levadas* (Rio das Alminhas, Rio da Madriz, etc.) que nascem por Vale d'Ilhavo e Légua»...

Luza — Certamente como *luzidia* e, por isso, *lisa*, *transparente* (a água), muito clara. Quando assim está a água não se presta para pescar à ceitela ou certela.

Maçadia — Pelo menos na Murtosa, segundo a recolha de Ferreira Baptista, agitação ou balanço das águas que, pela acção continuada, pode derruir as margens. De *maçar*: bater, malhar. Ou, noutra forma, agitação das águas, embate contra a margem.

Maré seca — Na Torreira, o mesmo que *baixa-mar*, *maré-baixa*, *maré-vaza*, *maré-vazia*, *vazante-de-maré*.

Maré quebrada — Na Ria, maré mais pequena a seguir à maré viva.

Maresia — Os dicionários equivalem a *marejada* e a *marulho* que definem: — Leve agitação das ondas. — Agitação das ondas do mar.

Na região, especificadamente na Murtosa, é agitação tanto do mar como da ria. E sempre é leve pelo que não pode impedir a actividade pesqueira.

Marola — 1. Cândido de Figueiredo e os reformadores de Morais incluem como «a agitação vulgar da água do mar».

2. Na Ria, contudo, é a ondulação grande e mais agitada que se forma quando há nortada rija.

Olheiro — Em Silva Escura (Sever do Vouga) lago ou lagoa de pequenas dimensões.

Na resposta a um inquérito do século XIII escreveu-se⁽⁸⁾:

(8) Os inquéritos paroquiais do séc. XVIII e algumas das freguesias do distrito de Aveiro. Eduardo Costa. Aveiro. 1955. Coimbra Editora, Limitada. 23 pgs. — Pgs. 15 e 16.

«Junto desta terra esta huma alagoa adonde chamam a serra do Arestal que deita agoa pera varias partes em todo o tempo do anno»...

«Nam ha mais do que a dita alagoa a quem alguns chamam olheiro»...

Pateira — Morais repete C. Figueiredo: «Nome que se dá a vários pontos da bacia hidrográfica do rio Vouga, permanentemente alagados, formando pequenas lagoas».

A definição carece de rigor, pelo que respeita ao tamanho das lagoas, porquanto a *pateira* mais conhecida na região é a de *Fermentelos* e esta estende-se por mais de 500 hectares (529,5), como verificou Mário Pato⁽⁹⁾.

E por isso seria antes «depressão do terreno permanentemente alagada e de extensão apreciável».

Profundiça — O mesmo que *profunda* ou muito funda, como aparece num manuscrito anónimo relativo a povoações de Aveiro:

«Esta ria em tempos m.to antigos era profundissa, mariavam por ella naus de alto bordo athe oum logar chamado S. André onde houve um convento de Monges Negros».

Regueirão — 1. Os reformadores do Dicionário de Morais (10.^a ed.) correspondem a «grande regueiro», sendo este o mesmo que «regueira» que, por sua vez é «rego por onde correm águas, enxurradas, etc.»; e «pequena corrente de água».

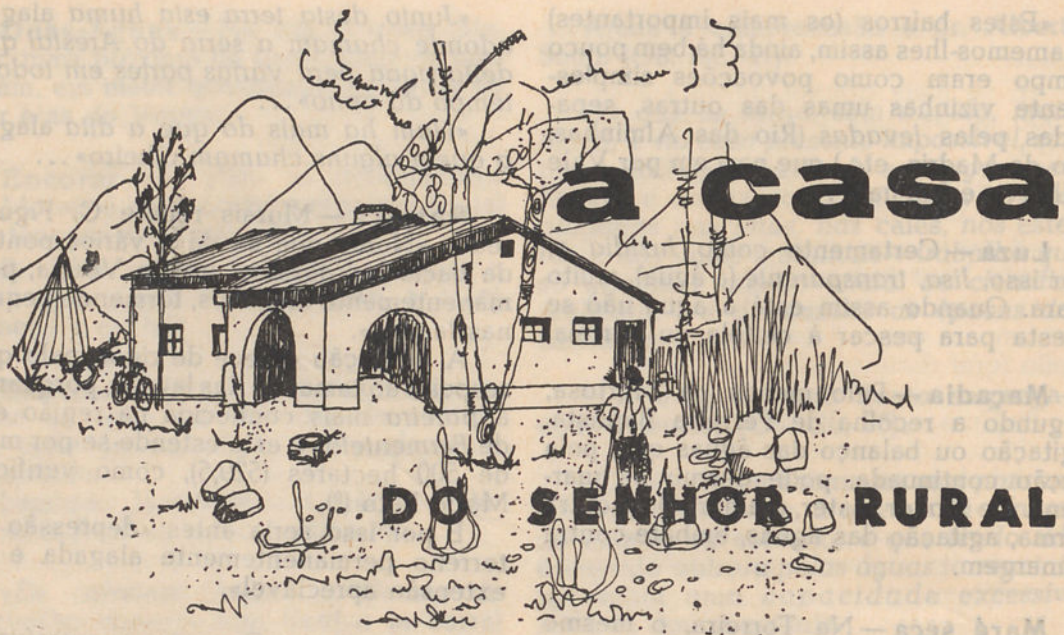
2. Há outro sentido, embora contenha a ideia, um tanto diferente: canal, mais ou menos largo, para escoamento de águas.

Historiando as alterações da barra de Aveiro, o ilustre reverendo P.^e Vieira Rezende informou (Ob. cit., 171):

«Em 1750 entrou só um navio, e de 1750 a 1760 não houve entradas. Foi então que João de Sousa Ribeiro, natural de Aveiro

(Conclui na pág. 308)

(9) *A Pateira de Fermentelos*. Anteprojecto de enxugo, Mário dos Santos Pato. Lisboa. 1916. Tip. Adolfo Mendonça, Lda.. 2 cartas desdob., 85 pgs.



Por J. PINTO MACHADO
Arquitecto

AS ferragens constituem peças fundamentais das caixilharias. Importa, portanto, fazer algumas considerações a tal respeito, pois ao Senhor Rural interessará, certamente, saber algo acerca do material que, para o efeito, deverá aplicar.

Como deverá calcular, o mercado está recheado de variados tipos de ferragens, muito embora uns sejam melhores e mais apropriados que outros.

Para o movimento dos caixilhos, por exemplo para os de folhas de abrir, terão de ser aplicadas *fixas*, as quais podem ser de *cravar* e de *armilhar*. As *fixas* de cravar são colocadas nos cantos ou juntas exteriores dos caixilhos e são aparafusadas de chapa nos aros de aduela.

As *fixas* de *armilhar*, como o seu nome indica, são *armilhadas* de ambos os lados, facto este que torna mais barata a sua aplicação. Neste tipo de *fixas* a patilha que deverá entrar na ranhura feita pelo *armilheiro* tem de ficar segura por duas cavilhas que atravessam as

couceiras, passando pelos respectivos furos, previamente abertos nestas.

As mesmas ferragens deverão ser utilizadas nas portadas, uma vez que são mais robustas para aguentarem maiores pesos.

Em alguns casos, poderá empregar-se a *fixa de tiel de desentfiar*, pois que é muito simples a sua aplicação e o seu sistema.

Para o fecho dos caixilhos deverá empregar-se o *fecho de cremona*, provido de um puxador de argola, fecho esse que, se assim o desejar, pode ser totalmente cromado.

Para caixilharias mais rudimentares, poderá o Senhor Rural utilizar os conhecidos *fechos de correr*, que podem ser de dois tipos: o *de barrinha* e o *de verguinha*. O primeiro, é formado por uma barra móvel, estreita e delgada, denominada *barrinha*; o segundo, é constituído por um troço de vergalhão de pequena dimensão, denominada *verguinha*.

(Continua na pág. n.º 296)

Raportamento florestal

UM PROBLEMA POSTO À PRODUÇÃO

SINTESE da interacção dos processos fisiológicos debaixo da pressão das condições internas integradoras que a eles presidem, por seu turno condicionadas, estas, pelas potencialidades hereditárias e pelo meio ambiente — o crescimento das árvores e dos povoamentos florestais e com ele, dada a dependência existente, a qualidade e propriedades do material lenhoso formado estão sujeitos a alterações determinadas por intervenções culturais que afectem o respectivo fenómeno, daí podendo resultar favoráveis repercussões quanto ao aproveitamento da madeira, desde que a aplicação daquelas assente no perfeito conhecimento do mesmo e das relações causa-efeito que o rodeiam.

Ora, porque as utilizações do lenho exigem um mínimo de características específicas do produto, um problema se põe e que é o de decidir se convirá produzir já deliberadamente matéria-prima detentora do máximo possível de características desejáveis, recorrendo-se para isso a técnicas silvícolas esmeradas e onerosas, ou se, ao invés, não será preferível promover a adaptação daquela após o abate, através do emprego de apropriadas técnicas industriais.

Acontece, a nível internacional, que a despesa, por unidade de volume produzido, até ao momento do abate não excede geralmente metade e, não raro, só representa um quarto do custo do material posto na fábrica, incluindo os encargos de corte e transporte, a par, também, de que o referido custo é nor-

malmente inferior a metade do preço de custo do produto final. Por outro lado, qualquer modificação a que se submeta a matéria-prima posteriormente ao abate não está isenta de limitações, quer do ponto de vista prático, quer económico. Daí, o considerar-se haver lugar para, em muitas situações, e desde que se possua o indispensável conhecimento das incidências que as intervenções silvícolas aplicáveis têm sobre a utilidade final e o valor da madeira, se procurar tirar delas todo o partido possível, com vista a uma melhor utilização da mesma.

E se uma utilização deficiente da matéria prima lenhosa se traduzirá pela anulação ou por uma diminuição das vantagens que, *a priori*, adviriam duma produção unitária mais elevada, importa, outrossim, ter em atenção que situações existem nas quais, por a exploração só ocorrer ao fim de vários decénios, já as necessidades industriais futuras terão de ser encaradas com alguma reserva, dada a maior incerteza sobre a estrutura do consumo, agravada ainda pela grande elasticidade de substituição entre os produtos do sector. Então, a cultura orientada para uma ampla gama de utilizações finais poderá encontrar justificação e tanto mais por não ser de excluir a hipótese de o constante progresso técnico da transformação industrial vir a permitir, amanhã, aquele mais lato e completo aproveitamento do material lenhoso, não verificado por enquanto mas que a tecnologia parece prometer.

M. A.

TEMAS DE ENOLOGIA

Por
NOBRE DA VEIGA
Enólogo

Vinhos tintos adamados

(Continuação do n.º 2659 pág. 230)

XXIX

SUPOMOS não exagerar, quando se diz que não é corrente a elaboração de vinhos tintos adamados. A percentagem é pequena, ao contrário do que acontece com vinhos brancos e vinhos «rosés».

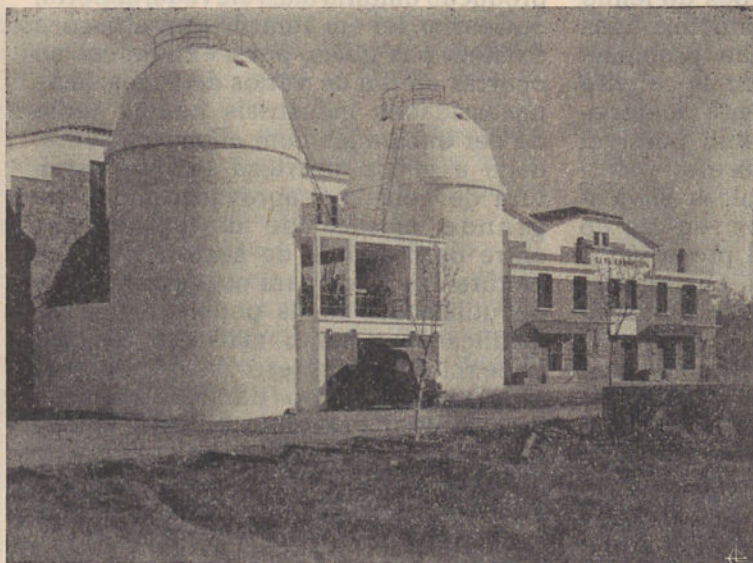
Um vinho tinto, salvo casos especiais,

difícilmente poderá ser um bom vinho adamado agradável, porque apesar do açúcar, o tanino será sempre um obstáculo.

Dentre os vários processos de preparação de vinhos adamados tintos, daremos umas notas muito ligeiras, para que algum vinicultor interessado, possa ensaiar a obtenção deste tipo de vinho.

Um quarto da quantidade desejada poderá ser elaborada em vinificação normal, enquanto que ao restante volume de $\frac{3}{4}$, suspende-se a fermentação alcoólica a 2,5 Baumé, gradação que depende da doçura desejada, podendo o vinificador orientar-se por um areómetro. Há que contar «grosso modo», com cerca de 0,5 para perdas. Logo a um mosto-vinho suspenso com 2,5, dar-nos-á um adamado com 2º Baumé.

Um dos meios de suspender a actividade fer-



Uma instalação «Ladousse» numa Adega Cooperativa do sul da França

mentativa é o SO^2 à razão de 25 g/hl e cuja aplicação é feita de uma só vez. A adição de SO^2 , é seguida de uma trasfega imediata, após o que se procede à mistura dos lotes resultantes de vinificação normal e do que teve suspensão da actividade das leveduras.

Vinificação contfua

Agrupamos na rubrica de «técnicas especiais» o sistema de fermentação contínua, que está sendo usado em vários países, na elaboração de vinhos tintos.

A «fermentação contínua» parece estar longe de ter a aprovação, de todos os técnicos que se têm devotado a este processo de vinificação. Dizem uns que convém somente aos vinhos de consumo corrente, não tendo qualquer interesse para vinhos de qualidade. Asseveram outros, que o principal interesse da modalidade, reside na grande economia de mão-de-obra, atribuindo-se-lhe ainda as seguintes vantagens:

— *economia de pessoal*

uma pessoa chega para controlar o quadro de comando e de sinalização que conduz a instalação;

— *economia de vasilhame*

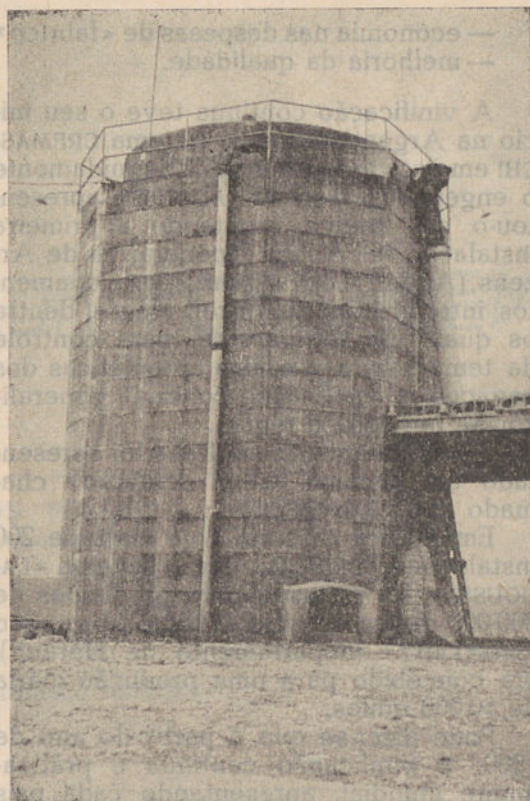
em aproximadamente 25%, em comparação com uma vinificação normal; o vinificador contínuo também pode servir para armazenar o vinho;

— *aumento de álcool*

fundamenta-se uma maior percentagem de álcool, numa anaerobiose e no completo aproveitamento dos açúcares devido a uma intensa lavagem dos bagaços;

— *diminuição do volume de vinho de prensagem*

afirma-se que se dá o esgotamento máximo do chapéu;



Um aspecto do vinificador contínuo «Boix» numa Adega Cooperativa de Espanha

— *redução de SO^2*

em virtude do princípio da fermentação «superquatre», que provoca uma selecção das leveduras e uma desinfecção do meio, é compreensível a redução de SO^2 que segundo a opinião de alguns técnicos, é suficiente na dose de 5 g/hl;

— *fermentação malo-láctica*

ainda segundo os mesmos técnicos, afirma-se que a fermentação malo-láctica é favorecida, efectivando-se nos 8 dias seguintes à saída do vinificador, em virtude de: redução do SO^2 (inimigo das bactérias lácticas), total anaerobiose, temperatura de fermentação e fácil multiplicação das bactérias da F.M.L.

Em resumo:

— *economia de mão-de-obra*

- economia nas despesas de « fabrico »
- melhoria da qualidade.

A vinificação contínua teve o seu início na Argentina com o sistema CREMASCHI em data anterior a 1953. Seguidamente o engenheiro francês LADOUSSE apresentou-o em França, montando a primeira instalação na Adega Cooperativa de Arzens (Aude). Com alguns aperfeiçoamentos introduzidos pelo Prof. Nègre, dentre os quais um refrigerante, para controle da temperatura e saídas automáticas dos bagaços, a vinificação contínua generalizou-se por toda a região.

Simultaneamente em Itália foi apresentado um sistema «semi-contínuo» chamado «DE FRANCESCHI».

Em França existem hoje mais de 200 instalações. Enquanto que o sistema «LADOUSSE» foi pensado para produções de 200 000 quilos de uvas diários, o processo «MONTADY» (departamento de Hérault), era concebido para uma produção diária de 50 000 quilos.

Pode dizer-se que a partir do ano de 1960, a vinificação contínua é praticamente mundial, apresentando cada país o seu modelo, neles se incluindo a Rússia que exibiu o grupo «VPKS», estudado pela organização «KALININE», de Krasnodar montado na Crimeia.

Em Espanha dentre outras, existe na Adega Cooperativa de Cabanes (Castellon) uma instalação denominada «BOIX», da autoria do dr. Emilio Boix, enólogo e licenciado em ciências químicas; na Adega Cooperativa de Cuevas de Utiel (Valencia) há um sistema «semi-contínuo» do tipo «DE FRANCESCHI».

Na Itália as Adegas Cooperativas de Oderzo e Casarsa dispõem de vinificadores contínuos da fábrica PADOVAN.

Em Portugal a primeira fermentação contínua, ensaiou-se no Complexo Agro-Industrial do Cachão, em Trás-os-Montes.

Resumindo os vários modelos de vinificação contínua temos:

Argentina	Cresmaschi	
Espanha	Boix	
França	{ Ladousse — Pujol	
		Montady
Itália	{ De Franceschi	
		Bohringer
		Padovan
Rússia	VPKS	

A fermentação contínua tem sido descrita em trabalhos e publicações dos vários países, anotando-se as seguintes:

Gazeta das Aldeias de 1/5; 16/5; 1/6 e 16/6 de 1966 — dr. E. Gervasi.

Vida Rural 676, de 30-4-966 — O. Pato.

Traité d'Oenologie—tome I—R. Gayon e Peynaud.

Divulgação n.º 4 Secção de Informação da J.N.V. — 3-2-966. — Alfredo B. Ferreira.

A CASA DO SENHOR RURAL

(Continuação da pág. n.º 292)

Interessa referir que o comprimento destes fechos é variável e constituído por duas partes: uma, que fecha para a parte superior do caixilho e outra que corre para a parte inferior. O comprimento do fecho superior é, sempre, maior que o inferior, tendo em conta que a argola do fecho não está colocada no meio do caixilho, mas mais abaixo, para as pessoas lhe poderem chegar com maior facilidade.

Os fechos, como deve supor, são aparafusados de chapa sobre as réguas de batente dos caixilhos ou, se assim o quiser, directamente sobre as couceiras.

Para o caso das portadas interiores poderá empregar, para além destes fechos, os chamados *fechos de embeber*, que ficam, como o seu nome indica, embebidos nas faces das couceiras e constituídos por um varão funcionando em cursores.

Tanto as cremonas, como os fechos de correr ou de embeber, para segurança dos respectivos batentes, penetram na parte superior numa grampa, esta aparafusada nas vergas dos aros. Na parte inferior, entram nuns furos feitos na tábua de peito.

Estamos em crer que estas referências, ainda que curtas e simples, elucidarão o Senhor Rural, normalmente que ligeiros conhecimentos de construção. Tantos são os fechos e as ferragens existentes no mercado, que não bastariam três ou quatro artigos para falar sobre o assunto. Daí estas considerações muito rudimentares sobre a matéria.

CONSERVAÇÃO DA FORRAGEM

Por CARLOS DOMINGOS FERREIRA TORRES
Engenheiro Agrônomo

(Continuação do número anterior)

Fenação

Numa exploração pecuária é da maior importância a obtenção de um bom feno. Daí a necessidade, para não se correr o risco de colher um produto quase exclusivamente constituído por celulose, de rodear dos maiores cuidados a sucessão de operações que levam à transformação da forragem em feno: A FENAÇÃO.

Para justificar esta afirmação, cita-se um ensaio realizado nos E. U. no qual são comparados dois lotes de novilhas leiteiras, alimentado cada um com seu tipo de feno, obtido de um mesmo corte de determinado luzernal, que por terem sido conseguidos por processos diferentes, apresentam desigual riqueza nutritiva.

O grupo alimentado com feno mais rico, repôs mais 28 o/o de peso, tendo consumido menos 12 o/o de feno, por cada 25 kg de reposição. Embora se tivesse partido do mesmo produto inicial — a luzerna em verde — apenas como consequência do uso de diferentes técnicas de fenação, os resultados finais foram manifestamente diferentes.

As fases da fenação

Pré-fenação ou emurchimento. Após o corte da forragem, a sua percentagem de humidade desce, bruscamente, de 80 a 85 o/o para 65 a 20 o/o. Esta diminuição é ocasionada principalmente pela diferença de valor da pressão no interior da planta e no meio ambiente e, secundariamente pela acção do sol.

Aqui não há praticamente perdas de elementos nutritivos: é a chamada evaporação natural. Esta primeira fase é aproveitada, como veremos, nas modernas técnicas de ensilagem.

Degradação química e biológica. Porque a respiração das plantas não cessa, mesmo depois de cortada, continua o ataque progressivo dos açúcares e das proteínas. Há por isso toda a vantagem na completa eliminação desta fase. Na ensilagem, de que trataremos mais adiante, consegue-se com a morte rápida das células pelo « calcamento »; na fenação, acelerando o mais possível o « processo de secagem ».

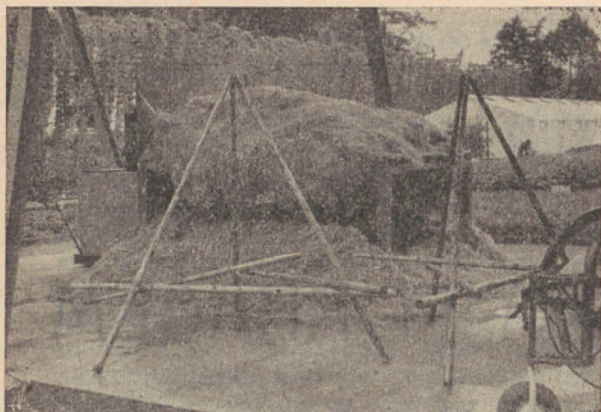


Fig. 4

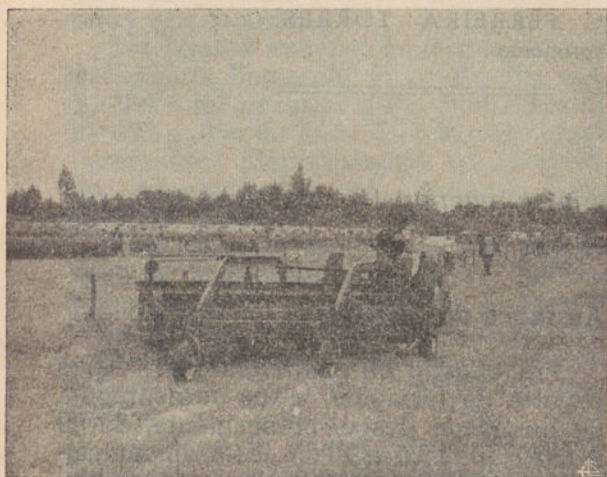


Fig. 5



Fig. 6

Note-se que a acção prolongada dos raios solares, tem efeitos nocivos sobre a qualidade do feno, tornando-o quebradiço e pobre em vitaminas.

Secagem. Uma terceira fase, puramente física, consiste no abaixamento da percentagem de humidade, até 15 a 20 o/o, de modo a colocar o feno ao abrigo da acção nefasta dos «bolores» e das conseqüentes «fermentações».

De seguida, referiremos os diversos processos de fenação de maior interesse prático.

Processos de fenação

Vamos considerar dois casos fundamentais:

- Pequenas explorações agro-pecuárias;
- Médias e grandes explorações, ou pequenas a trabalhar em grupo.

Pequenas explorações agro-pecuárias

Neste caso em que, como regra, não é possível técnica e economicamente utilizar processos mecânicos, recorrer-se-á aos seguintes:

- Fenação no solo
- Fenação em cavaletes
- Fenação em arame farpado.

Fenação no solo. É o processo mais antigo e o mais divulgado. Consta na distribuição da forragem no solo, após o corte e seu reviramento repetido, até atingir o estado de feno. É o processo mais conhecido, mas também o mais primitivo. É técnica a abandonar, só de admitir em casos de emergência e para áreas restritas quando seja inteiramente impossível recorrer a outros meios.

Fenação em cavaletes. Processo mais aperfeiçoado, que ocasiona menos perdas, mas exige bastante mão-de-obra. Existem diversos tipos de cavaletes onde a forragem é posta a secar até a completa fenação, (Fig. 4).

Fenação em arame farpado. Processo divulgado nos países do norte da Europa. É bastante mais expedito, proporcionando feno de razoável qualidade, com perdas mais aceitáveis e com menos mão-de-obra do que os processos anteriores.

Este sistema consiste no estabelecimento de linhas de arame farpado, devidamente espaçadas e sustentadas por estacas cravadas no solo, à altura de 0,80m, intervaladas de 3m. A colocação do arame, na parte superior da estaca, faz-se com o auxílio de uma serra, uma «fenda» de 5 cm de profundidade e 5 mm de espessura.

A forragem é colocada no arame, manual ou mecânicamente. Após alguns dias, que dependem das condições atmosféricas derruba-se o feno, que é transportado a granel ou em fardos.

As figuras 5, 6, 7 e 8 dão uma ideia exacta das diversas operações. Para ferrar 1 hectare, são precisos 150m de arame farpado e 50 estacas.

Pela figura 9 pode-se observar o rendimento dos tipos de fenação que descrevemos. Devemos lembrar, no entanto, que se trata de métodos que absorvem bas-

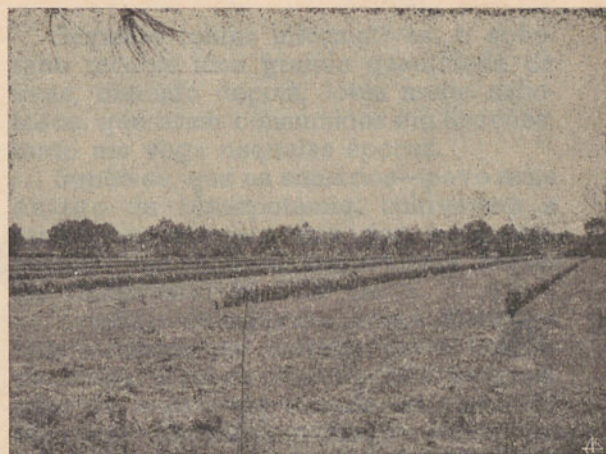
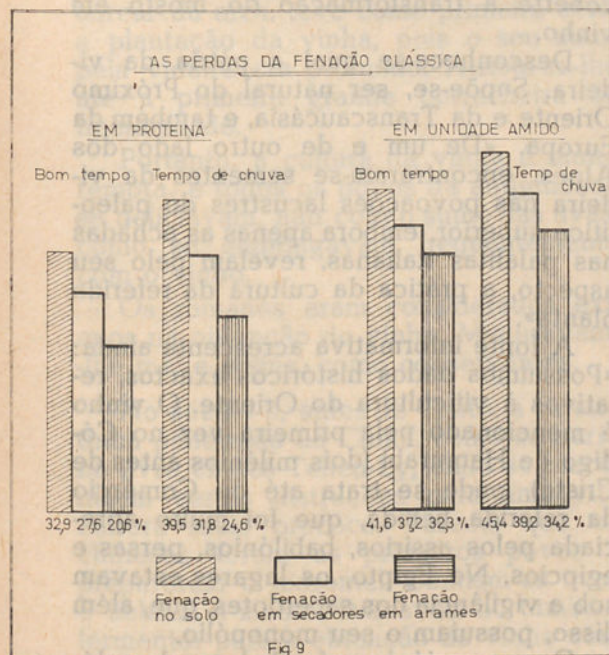


Fig. 7



Fig. 8



tante mão-de-obra e que progressivamente se vão tornando anti-económicos, à medida que esta sofre valorização.

Médias e grandes explorações ou pequenas a trabalhar em grupo

Podem utilizar-se vários processos mecânicos, entre eles os seguintes:

- Fenação com enfardagem
 - » com esmagamento prévio
 - » com ventilação
 - com ar frio
 - com ar quente

(Continua)

A IDADE DA VIDEIRA

Por
HENRIQUE BONIFÁCIO DA SILVA
Eng. Agrónomo

NCESSITANDO de informações sobre a idade da videira para esclarecer os leitores, entrámos numa biblioteca, a fim de consultar os alfarrábios poeirentos e gastos inevitavelmente, pelo tempo e pelo uso. Procurámos decifrar, é o termo, o que neles estava contido, acerca do tema em epígrafe.

As conjecturas previamente feitas não se encontravam longe da realidade.

A curiosidade foi satisfeita, as dúvidas deixaram de constituir dúvidas. Afinal, pode afirmar-se, que a videira é tão antiga como o homem.

Procura-se insinuar, que Adão e Eva estiveram sob a copa das videiras silvestres, ou sob os extensos parreirais, galgando as encostas e encarrapitando-se no cimo das montanhas abruptas. Ai, descansavam os nossos antepassados, ai se abrigavam contra os raios dardejantes do Sol escaldante, ai sentados, sob toscos calhaus, olhavam atentamente os cachos exuberantes e pendentes, dourados pelos indícios da maturação, imanando o seu perfume embriagante. Sentiam uma certa avidez pelos sumos, que a natureza lhes oferecia.

As lendas antigas atribuíam aos Dionísios a honra de cultivarem a vinha pela primeira vez, e o privilégio de terem descoberto a transformação do mosto em vinho.

Desconhece-se qual a pátria da videira. Supõe-se, ser natural do Próximo Oriente e da Transcaucásia, e também da Europa. «De um e de outro lado dos Alpes, encontraram-se sementes da videira nas povoações lacustres do paleolítico superior, embora apenas as achadas nas palafitas italianas, revelam pelo seu aspecto, a prática da cultura da referida planta».

A fonte informativa acrescenta ainda: «Possuímos dados históricos exactos, relativos à viticultura do Oriente. O vinho é mencionado pela primeira vez no Código de Hamurabi (dois milénios antes de Cristo), onde se trata até do Comércio da referida bebida, que foi muito apreciada pelos assírios, babilónios, persas e egípcios. No Egipto, os lagares estavam sob a vigilância dos sacerdotes, que, além disso, possuíam o seu monopólio.

Os gregos jónicos, fundadores da coló-

nia da Missilia (Marselha), levaram a cultura da vinha para o sul da França, onde os romanos se encontravam. Estes, durante a época imperial, elevaram a viticultura ao máximo grau de esplendor».

A plebe corrompia-se com os vinhos, em grandes orgias; pelo contrário, a aristocracia e a corte fortaleciam-se. Nessa época em que se vivia de pão e se distraíam com o circo, o vinho passou a constituir uma das exigências do povo. Consta, que Júlio César, certamente em dia de euforia, ofereceu aos romanos 44 000 barris de Falerno e de vinho helénico.

O consumo foi aumentando extraordinariamente, e paralelamente, o comércio ia alcançando grande incremento. Damasco, enriquecida de lagares, fornecia o vinho aos reis assírios.

Segundo narra a história, «na Pérsia, em Shiras, fabricou-se vinho antes de Roma—esse mesmo vinho que, mais tarde, Hafiz havia de cantar».

Os odres impróprios para transportarem o vinho às longínquas distâncias, foram substituídos pelas vasilhas de madeira, desenvolvendo-se assim a indústria da tanoaria.

Segundo o Génesis, Noé ao desembarcar da arca, teve como primeiro acto, a plantação da vinha, pois o seu amor pela videira era profundo. Atribui-se-lhe até a primeira grande borracheira da humanidade.

Portanto, a cultura da vinha é muito remota, e todos os povos da antiguidade se deliciavam, não com o sumo das uvas, como se embriagavam frequentemente com o vinho.

Os romanos eram considerados exímios na obtenção do vinho. Misturavam-lhe mel e resina, como conservantes.

No século II, antes de Cristo, a videira tinha penetrado na China, como se narra no livro chinês Tchen-Ly, onde se preconizam certas instruções para uma viticultura mais precoce. Parece, que os chineses foram os primeiros povos a prepararem o hidromel. Comiam as uvas e bebiam o mosto. Deixavam-no também fermentar para a obtenção do vinho com que se deleitavam.

Segundo fontes informativas, o soberano recebia uma grande quantidade de uvas, obtendo depois, lotes muito saborosos, que eram consumidos em libações, tanto em voga naquelas épocas.

Supõe-se, que os sumérios—povo mais antigo da Mesopotâmia, cultivavam a vinha nas margens dos rios, e aí consumiam «os produtos imprevistos daquelas vindimas de há 6000 anos».

Também os egípcios, como dissemos anteriormente, se entregavam à cultura da vinha. Bebiam imenso. São testemunhas da actividade vitícola, as cenas de ebriedade, pintadas em quadros nos monumentos, pinturas e decorações de utensílios.

Na Pérsia, os arménios foram os especialistas mais remotos, na dificuldade de lotar os vinhos. Os persas e os romanos sentiam emoções fortes com esta bebida. Misturavam-lhe substâncias, essências vómicas, para se intensificar ainda mais, as propriedades embriagantes.

Também os gregos apreciavam muito o vinho. Nos fabulosos palácios de Minas, bebia-se com sábia e habitual complacência. O vinho encontra-se vinculado à religião grega. Baco. «uma das mais prestimosas e complexas divindades do Olimpo, é para os gregos o deus benfeitor das frutas, especialmente do vinho».

Já os gregos recorriam a produtos conservantes, como: resina, cal, água salgada, etc..

Os abusos alarmantes do vinho eram muito frequentes: ingerindo-se enormes volumes. Nos banquetes, nos festivais dionisiacos, fazia-se uma prova tradicional de resistência, avaliando-se a capacidade dos bebedores inveterados. A dose que cada um bebia, era de 3 litros; mas estas quantidades repetiam-se até perderem o equilíbrio!

Devido às consequências trágicas, que se sucediam, tomaram-se algumas medidas. Aconselhava-se a mistura de água para diminuir os efeitos do álcool. Como os abusos se propagavam facilmente, Licurgo, no século IX a. C., tomou medidas radicais: mandou cortar todas as vinhas!

Com os romanos continuaram as borracheiras chegando a programarem-se

para as famílias da melhor sociedade. As tertúlias, após as comidas, atingiram grande prestígio social. Instituiu-se um autêntico protocolo nas maneiras de beber o vinho.

As bebidas, que não provinham da fermentação do mosto eram chamadas «vina ficticia». Eram frequentes as misturas e incorporação de substâncias aromáticas. Entre elas, podemos citar as *melites* (vinho com mel); *piperatum* (vinho com pimenta); *rosetum* e *mirtites* (vinho com rosas e mirtos). Todavia, os romanos foram ainda mais longe. Segundo a História Natural de Plínio, adicionavam-lhe excitantes, venenos, noz vômica, etc.. Conforme escreveu Ronald, «a palavra orgia adquiriu o seu mais virulento significado».

Baco, deixou de ser um deus jovial e benéfico, espelho humano de gosos para se converter numa personagem mórbida. As solenidades em sua honra eram de tal modo selvagens e bacantes, que foram proibidas pelo Senado, no ano 385 a. C., segundo testemunha Tito Lívio.

Recorrendo às fontes de origem bíblica, podemos ler numerosas citações alusivas a esta bebida tão difundida, tendo numerosos e fervorosos adeptos. Citemos algumas frases de Plínio Salgado, sobre A Vida de Jesus: Muitas frases bíblicas referem-se à videira e ao vinho.

Transcrevemos na íntegra para não alterar o recorte literário do escritor. «Tudo na Galileia convivia à alegria: a silhueta amável da montanha; o lago povoado de velas brancas; o fuste esbelto das palmeiras, abanando em leques verdejantes; as sombras das latadas, onde pendem os cachos das uvas». Mais adiante: «Os servos distribuíam o vinho, jorrando de grandes ânforas, nas taças». Ainda outra passagem do seu livro: «O milagre de Caná é símbolo de aliança. A água transforma-se em vinho. Por que em vinho? A videira, que enterra as raízes no solo, abre no céu as folhas cor de bronze, o resplandecer dos cachos perfumados, ela mesmo não é gloriosa imagem vegetal de toda a exaltação da vida e da chama em que arde eternamente o espírito arrebatado do mundo misterioso e de Deus Altíssimo?»

Se é verdade que o vinho embriaga, e animaliza o homem, quando se entrega na orgia pagã, também é verdade, que essa degradação do estuante sangue vegetal não suprime a magnífica simbologia dos éteres em que se volatiliza a essência dos cachos exuberantes erguidos para o alto, pelos braços angustiados das parreiras?!»

Os católicos contribuíram imenso para o processo da viticultura. Em regiões, propícias, pelas condições climatológicas, sugeriam a sua introdução, aconselhavam os soberanos a difundir-la. Em alguns países, como por exemplo na Polónia, fez-se o seu cultivo, após a conversão ao cristianismo.

Recordações de uma viagem a S. Tomé

(Conclusão da pág. n.º 287)

do meio natural herdado pela geração presente das anteriores.

Não o fazer é não cumprir uma das obrigações cívicas mais elementares que cabe a cada geração, tanto em relação a S. Tomé como a qualquer outro território nacional, e eu por mim não gostaria, pelas responsabilidades que me cabem em relação à Protecção da Natureza em Portugal, de ficar na ingrata situação de ter de aceitar como justas as críticas que venham a ser feitas à geração a que pertencço.

E não se trata apenas de «sacudir a água do capote»; trata-se sim de cumprir, de acordo com as minhas possibilidades, e com a maior sinceridade, as obrigações consequentes.

Só é de desejar que estas palavras tenham eco junto daqueles de quem podem depender as resoluções imediatas a tomar. Deus o queira!

E assim acaba a série de artigos sobre S. Tomé que uma viagem inolvidável inspirou; muito mais os encantos daquela ilha mereciam, mas mais não me foi possível nesta altura fazer para os descrever e louvar.

ORIENTAÇÃO

O discurso pronunciado pelo Secretário de Estado da Agricultura, engenheiro Vasco Leónidas, na recepção efectuada na Câmara Municipal de Portalegre em 19 de Março último, contém afirmações que são outras tantas directrizes.

Desse trabalho registamos aquelas passagens que nos parece merecerem maior e mais ponderada atenção por parte da Lavoua.

«O Governo vem repetidamente manifestando o seu desejo e a sua vontade de impulsionar o sector agrícola e tem demonstrado, através de factos concretos e de oportunas medidas, a sua disposição firme de apoiá-lo.

Julgo de interesse chamar, a este propósito, a atenção dos agricultores, que hoje se reúnem à minha volta, para algumas afirmações contidas no relatório da proposta de Lei de Meios para o ano corrente e a que se está dando decidida execução. Nela aparecem bem expressas as linhas orientadoras de uma actualizada política agrícola e se afirma o desejo de a ver continuada e revigorada nos próximos anos.

Nela se aponta, com clareza, a necessidade, cada vez maior, da agricultura se afastar da simples posição de fornecedora de matérias-primas, para se tornar produtora de géneros «prontos a consumir» beneficiando da mais valia resultante da transformação.

Verifica-se, assim, a necessidade «de desenvolver a investigação tecnológica complementar da produção agrícola, no sentido de criar novos bens industriais derivados dos produtos de origem vegetal ou animal.

Nela se afirma a promoção do integral aproveitamento das grandes obras de regadio, levadas a cabo com os recursos da Nação, pelo que todos temos o direito de exigir que se desentranhem em benefícios de ordem económica e social para a comunidade. Neste sentido se estão executando planos orientadores dos quais constam as produções prioritárias; as técnicas mais aconselhadas; a desejável organização da produção e da transformação; os estímulos aos empresários; os arranjos estruturais indispensáveis; a assistência à melhor gestão empresarial e o apoio à comercialização dos produtos.

Nela se referem algumas das medidas tendentes a promover a progressiva reestruturação das explorações, dado que «um dos maiores, se não o maior obstáculo ao desenvolvimento do sector agrícola reside na rigidez das estruturas fundiárias». Na realidade, «as exigências impostas por uma agricultura competitiva, seja ela dirigida ao consumo interno, seja ela orientada para os mercados externos, quer em qualidade, quer em quantidade, só podem ser satisfeitas por unidades de produção cuja dimensão permita obter elevadas produtividades dos factores utilizados, em particular da mão-de-obra e do equipamento». Neste sentido se está incentivando um conjunto de medidas de ordem técnica, jurídica, fiscal, creditícia, intervencionista no mercado da propriedade rústica e impulsionadora dos agrupamentos de agricultores.

Nela se afirma uma acção intensiva e generalizada de formação profissional agrícola a vários níveis, sem a qual não será possível um verdadeiro progresso da

agricultura. A actividade agrícola é cada vez mais exigente em técnicas de cultivo, em gestão dos capitais e da empresa, em organização do trabalho e em utilização de métodos evoluídos de valorização dos produtos, da sua comercialização e da sua transformação. Neste sentido se está concedendo especial cuidado à juventude rural, como fonte de onde sairão, não só os futuros empresários agrícolas, mas também os trabalhadores altamente preparados que uma agricultura competitiva exige.

Dentro de idêntico pensamento se ultimam programas apontados à formação de verdadeiros gerentes de associações de agricultores, por forma a que sejam autênticos empresários dessas organizações, os quais, em plena era tecnológica, terão de estar aptos a resolver os delicados e complexos problemas que todos os dias se lhes apresentam na luta pela conquista de mercados e pela adaptação às necessidades e às exigências dos consumidores.

Não se estranhará, por isso, todo o apoio que vem sendo concedido à organização corporativa da lavoura, às cooperativas agrícolas e a outras associações de agricultores que desejam promover uma melhor comercialização e transformação dos produtos agrícolas ou pretendem proceder a uma mais racional e económica exploração da terra.

Põe-se, ainda, por outras razões, um especial acento tónico no estímulo indispensável ao associativismo agrícola, pois se reconhece que, numa agricultura em evolução, ele bem «poderá ser um dos meios mais eficazes de combater a excessiva fragmentação das explorações em várias regiões do País e de corrigir outros defeitos importantes da estrutura agrária nacional». Encontramo-nos perante a necessidade de estimular a assistência técnica e financeira no lançamento de novos empreendimentos desta natureza, concedendo-lhes as prioridades adequadas na atribuição dos benefícios incluídos nos esquemas gerais de apoio à agricultura.

Nela se aponta ainda, no que concerne à *política comercial*, o aperfeiçoamento das normas reguladoras e a melhoria das infra-estruturas relativas à distribuição de produtos hortícolas, de frutas e de carnes.

Assim se instalarão verdadeiros mercados centrais de frutas e produtos hortícolas. Através deles se espera que os agricultores possam encontrar fácil drenagem para os seus produtos com vista, não só às necessidades de abastecimento do País, mas também às de exportação.

Por outro lado, pretende-se dar início ao lançamento do plano de matadouros industriais e de centros de armazenagem e de distribuição de carnes. Por sua vez, através do estabelecimento gradual do complexo de instalações que integrarão a rede nacional de frio, se atenderá à necessidade instantânea de evitar desperdícios; de conservar produtos perecíveis; de regular preços na origem, com benefício para o produtor; de estabilizar preços no retalho, com vantagem para o consumidor; e de garantir mais ampla colocação dos produtos, nas alturas mais apropriadas à produção.

Revestem-se de excepcional importância para a agricultura todas estas medidas que constituem, afinal, verdadeiras alavancas de acção para uma agricultura que deseja progredir. Não é tarefa fácil produzir para um mercado que não dê garantias de absorver os produtos na devida altura; constitui, quantas vezes, dolorosa aventura programar uma exploração agrícola sem a existência dessas garantias.

Na realidade, cada vez mais a agricultura será uma actividade que produz aquilo que os mercados consomem. Onde que, na sua dinâmica, lhe não será possível impor aos consumidores a aceitação dos produtos que, a seu belo prazer, deseje produzir; pelo contrário, deverá possuir condições de produzir tudo o que os mercados solicitam, numa ânsia sempre maior de satisfazer as necessidades dos consumidores. É este um grande dilema da agricultura dos nossos dias. Para tanto, terá de se preparar urgentemente, melhorando técnicas e sistemas de cultivo, reconvertendo culturas desajustadas, aperfeiçoando as suas estruturas desactualizadas, melhorando, através de adequadas capitalizações, a rendabilidade dos investimentos, fazendo um esforço permanente de aperfeiçoamento profissional, criando associações que tornem mais profícua do crédito disponível, a exploração das terras, a

comercialização e a transformação dos produtos, procurando todas as oportunidades que se lhe deparem para se aperfeiçoar, para melhorar os seus rendimentos para se adaptar ao progresso.

Na concretização das linhas orientadoras afirmadas na Lei de Meios tem vindo a actuar-se com determinação, aperfeiçoando-se os dispositivos já existentes e preparando-se os que importa desencalear.

Temos fé em que os agricultores saberão responder positivamente aos incentivos postos à sua disposição. Eles têm dado suficientes provas da sua capacidade de resposta, capacidade essa tanto mais necessária quanto é certo que a agricultura dos nossos dias terá de pensar em termos de mercado concorrencial, exigente e competitivo. Por isso, uma ideia permanente a deve preocupar, a de produzir a custos baixos, isto é, a custos internacionais. Por outro lado, deverá procurar uma paridade de posições com os restantes sectores, visando encontrar condições de verdadeiro atractivo para as pessoas que dela vivem.

É todo um complexo de problemas que tornam delicada a situação da agricultura, mas que ao mesmo tempo emprestam excepcional grandeza à tarefa a realizar.

Para além da função de apoio dos poderes públicos, acção necessariamente subsidiária, mas imprescindível no momento actual, haverá que pensar, também, muito seriamente que numa economia alicerçada na iniciativa privada, esta constitui o verdadeiro agente propulsor do desenvolvimento.

Acontece, ainda, que a actividade agrícola não deve ser considerada como uma actividade de coisas, mas sim como uma actividade de homens. É fundamental, portanto, que o factor humano coopere no processo de desenvolvimento para que este possa realizar-se. Este facto leva-nos, por conseguinte, a encarar de frente uma humanização do problema, com todas as suas consequências.

Temos de ter em conta que, para levar o empresário a proceder a investimentos e a integrar-se num processo de desenvolvimento, se torna indispensável não só que ele disponha dos necessários meios de acção e de mercados suficientes, mas

também que se lhe deparem benefícios evidentes, a prazo relativamente curto, previsões de rendimentos assegurados e boas perspectivas futuras, propiciadoras de melhoria de nível de vida.

Não haverá investimentos possíveis se o agricultor não se assegurar previamente que deles retirará efectivo aumento de rendimento. Por outro lado, torna-se indispensável criar nele uma verdadeira vontade de fomento da produção, num desejo de assumir riscos, de realizar esforços, de possuir espírito de empresa. Sem uma consciência colectiva deste espírito, sem um desejo efectivo de progredir, sem uma vinculação total a uma vontade capaz de encarar novos processos de trabalho, novos métodos de acção e novas técnicas, muito pouco se poderá fazer.

Numa economia alicerçada na iniciativa privada, haverá, como se referiu, que estar atentos, como ponto fundamental, quando se desejem tomar medidas de fomento, à forma como, perante elas, reagirá o principal interessado: — o próprio agricultor.

Por outro lado, importa não esquecer que se torna necessária uma visão unitária de todo o processo de desenvolvimento económico. Este processo não constitui um conjunto de partes fraccionadas que se podem inserir umas nas outras. Constitui, sim, uma unidade. Qualquer peça que se mova origina situações de equilíbrio ou desequilíbrio nos outros sectores. Por isso, se pretende acabar com a situação de verdadeiro desfazamento em que se encontra a vida rural. Para tanto será necessário criar condições jurídicas e económicas adequadas ao desenvolvimento agrícola; fomentar novas possibilidades de trabalho no campo; promover investimentos públicos; regulamentar, em termos actualizados, as formas contratuais da empresa; corrigir as defeituosas estruturas; incentivar o espírito associativo; instalar indústrias em pleno campo, em especial as ligadas à transformação dos próprios produtos agrícolas e as complementares da agricultura.

Neste sentido se está fazendo um esforço enorme. Ninguém de boa fé o poderá negar. Este esforço necessita da cooperação e da adesão consciente de todos quantos dele beneficiarão, pois só por

Culturas a usar nos novos regadios

A cultura da alface

Por

CARLOS H. GOMES FERREIRA
Eng. Agrônomo e Silvicultor

Alface é uma planta, que apesar de há longos anos ser cultivada em campo aberto e em estufa (nos países de clima frio) nunca foi encontrada no estado selvagem.

De nome latino *Lactuca sativa* L., pertence à Família das Compostas.

essa forma se poderá fazer efectiva promoção agrícola, harmonizando a expansão de uma agricultura consciente da sua transcendente missão com o desenvolvimento da indústria e dos serviços, levando à vida rural e às suas populações aquele revigoramento salutar a que indiscutivelmente têm direito.

No geral é uma planta hortícola, que se cultiva quase sempre como cultura intercalar, excepto numa altura do ano em que sempre os hortelões a dispõem sòzinha em canteiros, em cultura estreme.

Contudo como pode ser cultivada de maneira a ter a sua sementeira especialmente em duas épocas do ano, isto é, no Outono (Agosto, Setembro e Outubro), e na Primavera (Abril, Maio, Junho, Julho) no primeiro caso para se regarem os alfobres de sementeira e no segundo para ser regada pròpriamente a cultura em si, é uma planta que pode com certa vantagem ser levada aos terrenos das terras regadas. Pensamos concretamente em arranjar, ou melhor dizendo, lembrar, mais

uma planta que pode ser cultivada à escala industrial, a qual na sua totalidade poderá ser mecanizada, e que, claro está, visa em maior escala a exportação do que o abastecimento interno. É que, melhor ou pior, o nosso mercado está razoavelmente abastecido desta hortaliça, pelo menos nas épocas específicas e normais, ao passo que os países estrangeiros, onde ela faz sempre parte da dieta das populações pelo menos dos grandes centros, ela só pode obter-se em estufas e nem sempre ali vai bem. Por esse facto atinge preços elevadíssimos em Inglaterra, na Alemanha, na França, na Dinamarca para não referirmos também a Suécia, Noruega e mais algum dos países do Norte da Europa.

Mas sabido isto, poder-se-á perguntar? Mas quem abastece esses tão grandes mercados que parece estarem tão mal abastecidos... Forma geral todos estes países cultivam a alface, mas o que acontece é que ela é quase toda produzida em estufas, não só nos próprios países como em especial na Holanda, na Espanha e por vezes na Itália. E segundo julgamos mesmo assim existe sempre mercado aberto, porque este alimento de primeira qualidade nunca foi até ao momento suficiente para abastecer com fartura o mercado de Berlim, de Londres e até o de Paris, para não falarmos também na Suíça no de Zurique...

Mas claro está este primeiro ponto de mercado externo terá de ser estudado e apreciado oficialmente, e só depois ser visto pela Lavoura para a começar a cultivar se possível só mecânicamente, para depois as suas organizações cuidarem da sua exportação, acondicionamento e transporte que em qualquer caso deverá e teria de ser feito por via aérea.

E factor limitante para esta planta o terreno, porque só dá bons resultados em terras sobre o leve mas bastante fundas (aí uns 40 a 50 cm de solo são suficientes). Deverá dispor duma boa estrumação, uma adubação equilibrada à razão de uns 400 kgs de superfosfato, uns 100 kgs de cloreto e uns bons 250 kgs de amónio ou melhor dito adubo azotado. Este último deverá ser lançado à terra mais para puxar as alfaces do que para lhe ser posto à disposição à sementeira e plantação.

No nosso País, pelo menos no Sul a sementeira pode ser feita todos os meses. Contudo, deverá ser realizada, nos terrenos referidos, nas duas épocas específicas indicadas que são Outono e Primavera. Tem de ser feita sempre em alfofre, para depois das plantinhas terem umas três a quatro folhas, serem transplantadas para os lugares definitivos, em canteiros se for nas hortas familiares e na grande cultura em terreno armado consoante o tipo de rega que se lhe pretende dar.

Salientamos porém que esta planta apresenta a particularidade de a sua vegetação andar inteiramente ligada ao facto de ser tanto maior e mais rápida quanto menor for a resistência que as suas raízes encontrem no terreno para perfurar a terra. De maneira que na plantação não deve haver a preocupação de aconchegar bem a terra às raízes ou ao pé (como se diz vulgarmente), mas outro sim basta apenas que fique ligeiramente coberta. A seguir à plantação há que lhe proporcionar uma boa rega para que a planta se firme imediatamente.

O arranque destas plantas dos viveiros que saibamos terá sempre que ser feita manualmente, mas a sua plantação pode com bom e eficaz êxito ser realizada pelas máquinas de plantar tomate por exemplo. A distância das plantas no terreno, depende enormemente da variedade que se cultivar, mas nunca deve ser inferior a uns 20 a 30 cm. O espaçamento entre as linhas deverá ser o suficiente para dispor de bastante terra e nunca menor do que a distância entre plantas, portanto estarão a uma distância de uns 60 a 70 cm (ou nalguns casos mesmo mais).

É uma planta muito exigente nas sachas porque as plantas infestantes não só a deixam desenvolver mal, como ainda o seu natural estiolamento é muito prejudicado. Contudo este facto anda na razão inversa da variedade ser mais ou menos repolhuda, queremos dizer portanto de folhas sobrepostas...

As melhores alfaces são as que se apresentam mais brancas, porque além de serem mais saborosas possuem maiores quantidades das substâncias que mitigam a sede, facilitam o escoamento das urinas no homem, e conciliam melhor o sono, mercê das suas propriedades narcóticas.

É por estas razões um alimento muito aconselhado para as pessoas idosas e jovens, porque a par das condições indicadas possuem muito cobre que estimula o crescimento e o desenvolvimento nas jovens crianças e até animais.

Portanto há que lhe fazer pelo menos uma ou duas sachas, mecânicamente portanto e para isso dar-lhe intervalo entre filas suficiente para que o sachador mecânico trabalhe capaz e eficientemente.

A colheita, que depende essencialmente da altura em que foi semeada e depois transplantada para local definitivo, verifica-se entre três a quatro meses depois. Deverá ser feita nas grandes explorações mecânicamente também, podendo realizar-se com um arrancador vulgar para batata, beterraba. Já existem máquinas específicas, em especial na América, que colhem sem molestar as folhas deixando as plantas completamente limpas de terra e intactas no seu todo.

Feita a apanha ou colhidas as alfaces duma folha, há antes de mais que as seleccionar por tamanhos porque dele depende fundamentalmente o seu maior ou menor preço, nos mercados internos ou externos, atingindo maiores preços as alfaces maiores, mais brancas e mais fechadas ou repolhudas.

Realizada esta selecção têm os Lavradores de a embalar em simples embalagens de preferência em cartão canelado, portanto embalagem perdida, as quais devem ter respiradores para que as alfaces pelo caminho não aqueçam e não murchem e fiquem meladas mas conservem sempre a sua frescura até aos consumidores.

Por todas estas razões as alfaces devem rapidamente ser apanhadas, embaladas e transportadas, mas já há países em que as mantêm em câmaras de frio com uma humidade especial para que assim se conservem maior número de horas e até de dias podemos dizer.

Nas suas caixas de transporte nem devem também ir amachucadas ou calçadas mas sim largas e fofas para não partir as suas folhas e para terem sempre bom aspecto.

Mais uma cultura a ser estudada pela Lavoura interessada e instâncias oficiais.

Vocabulário da Ria

(Conclusão da pág. n.º 291)

e capitão-mor de Ílhavo, requereu a El-Rei para abrir à sua custa um *requeirão* para dar escoante às águas para o mar. Por aviso régio de 27 de Janeiro de 1757 foi concedida autorização e o *requeirão* foi aberto na Vagueira, onde se abriu novamente a barra, larga e profunda».

Reversa—1. Trazem os dicionários: «Porção de águas correntes, em direcção contrária à do rio que corre próximo». Não se entende muito bem.

2. Na Ria é local de uma das suas margens menos exposto onde os barcos se abrigam quando há temporal.

Ribeiro—Designação para os braços da Ria mais estreitos.

Rio Velho—Assim se conhece o troço do curso do Vouga que, a jusante de Cacia e Vilarinho, segue naturalmente para o mar no sentido noroeste.

Vala-Matriz—Vala principal que serve sobretudo para escoamento de águas. Refere-se-lhe o Código de Posturas do concelho de Vagos, de 28 de Julho de 1857, no seu art. 52.º:

«Todas as valas matrizes que há neste concelho e servem não só para o escoamento das águas nativas e pluviais, mas também para o enxugo dos terrenos contíguos, a fim de se poderem cultivar em devido tempo, devem estar sempre limpas, desembaraçadas, de forma que dêem livre escoante e passagem às águas, para o que os senhorios dos prédios confinantes são obrigados a tê-las limpas».

Propagar e difundir a GAZETA DAS ALDEIAS, concorrendo para o aumento da sua assinatura, é um dever que se impõe aos que da Terra e para a Terra vivem

CAÇA E PESCA

MISCELÂNEA

Por
ALMEIDA COQUET

COM mais de um mês decorrido após o começo da pesca às trutas, vão chegando notícias de algumas pescarias mais felizes, enquanto de outros lados se ouvem vozes de desânimo. É sempre assim: uns contentes, outros tristes.

De dois rios nortenhos me deram indicação, com detalhes de duas ou três pescarias menos más. Não teria a informação valia de maior, se não fora o saber-se que essas correntes, ainda há pouco, não albergavam trutas que valessem a pena do passeio.

E vem isto a lume pela notícia publicada em *A Voz* de 27 de Março, a propósito da «valorização turística da região de Braga», em que se fala abertamente da acção dos Serviços da Estação Aquícola de Vila do Conde, com repovoamentos feitos nos rios Homem e Cávado.

Mas há mais. Também em Março último veio publicado no *Diário do Governo* de 16 do referido mês, a portaria n.º 151/70



criando a «Zona de Pesca Reservada do Vilar», no alto Távora, com fins idênticos ao já feito em outras lagoas, como na Serra da Estrela, para que a pesca desportiva venha a ser um facto, uma realidade, e não mera promessa, capaz de atrair turistas-pescadores, quer nacionais quer estrangeiros.

No rio Homem Há muito que não vou para esses lados e não faço ideia como estará o seu percurso na parte atingida pelas obras da barragem em construção.

Durante bastantes anos frequentei a parte a montante de Bouro, onde a pesca à pluma se podia praticar com relativa facilidade... e proveito. Nunca lá pesquei trutas muito grandes; mas devolvendo à água alguma mais pequena, conseguia-se em algumas horas uma dúzia de lindas trutas, de à volta de 30 cm, boas lutadoras e, segundo diziam os entendidos em culinária, de um belíssimo sabor.

Geralmente pescava de meados de

Abril em diante, sendo talvez Maio o mês que nos dava maior prazer pelas eclosões de insectos em quantidade assombrosa. Ao cair do dia, *fervia* a água com o redemoinhar das trutas na apanha das ninfas prestes a voarem.

Em águas paradas Já aqui tenho falado das vastas mantas de água nas barragens hidro-elétricas, e com tristeza tenho visto que nada se tem feito para aproveitar como convi-



Uma eclosão abundante da «May-fly»

nha, com regulamentos adequados, esses lindos lagos artificiais, em que poderemos obter pesca desportiva de alta qualidade. Por isso, me regozijo agora com essa zona do Vilar.

Oxalá que tenham destacado para lá pessoal competente e faço votos para que não se cometa o erro de lançar ali achigãs, próprios para outras águas mais para sul e nunca em severa concorrência

com as trutas, às quais está naturalmente indicado o *habitat* de águas frias no norte do País.

Fala a «Portaria» que criou esta «zona» nos modos de pescar, entre os quais se refere à pesca «embarcado». Ocorre logo saber-se que género haverá de embarcações próprias para a pesca naquela «zona». Nos países onde se pratica tal pesca, há embarcações próprias locais que se alugam aos pescadores. Por outro lado ficam proibidos — e muito bem — os barcos movidos a motor. Enfim: detalhes que conviria resolver com urgência, para se evitar erros que com o correr do tempo se transformam em hábito...

Dos pescadores Também na pesca, como na caça, o número de praticantes aumenta de modo impressionante! E podem estar certos, todos quantos tenham de intervir nestes assuntos, de que não pára aqui o número de pescadores. Chegaremos ao dia em que, junto à água, se acotovelarão centenas e centenas de pescadores. Para mim, se ainda então fosse vivo, teria terminado aquele prazer de solidão que o pescador de trutas goza! Tudo se esquece, daquilo que nos envenena a vida; das preocupações mais fortes, e das responsabilidades mais intensas!

A beleza da paisagem, o correr da água límpida, o colocar da «pluma» na revessa ao lado da corrente, o salto de uma truta e a luta... se a enferramos, quanto não vale um tal instante perante as misérias da vida?

Mas lado a lado, à volta de uma «poça» de água, como nos mostram as fotografias americanas da abertura da pesca neste ou naquele rio, a chalaciaria e em algazarra... Não! prefiro então uma partida de bilhar.

A morte do Salmão A questão vai mais acesa lá para as Ilhas Britânicas. Sucodem-se as cartas nos jornais da especialidade, propondo abertamente a «boicotage» às mercadorias dinamarquesas de que a Inglaterra é forte importador. A questão está posta nestes termos: ou param os dinamarqueses com a sua pesca ao Salmão no alto

mar, ou aconselha-se o público a não comprar mercadoria que venha da Dinamarca.

Mas, note-se, apenas se pretende por agora que todos os países fazendo parte das organizações internacionais de pesca no alto mar, no Atlântico, incluindo a Dinamarca, se reúnam à volta de uma mesa para discussão do assunto e obtenção de um regulamento como convém.

Se assim não fizerem, cada vez será pior o futuro do Salmão, no mar e nos rios onde procriam; e as relações internacionais tornar-se-ão mais azedas e difíceis...

Cepticismo? Não me parece, pois cientistas e estudiosos, bons conhecedores do assunto, mal escondem a previsão de que o futuro do Salmão não é nada promissor. No célebre livro de A. Netboy, vem como exemplo da exterminação do Salmão, o Reno! Tudo, devido à poluição industrial. E por razões de ordem vária, o nosso rio Douro, um dos melhores rios Salmoneiros da Península, no tempo dos Romanos!

Mas não deixa este autor, de se referir à pesca no alto mar e na destruição de milhares e milhares de Salmões de

pouco peso e que nunca poderão voltar aos rios onde nasceram.

E a doença? Continua por averiguar qual é esse tremendo flagelo que tão mal tem causado aos Salmões de regresso aos rios das Ilhas Britânicas. Parece que tem diminuído o ataque. Vamos a ver se se confirma esta fase mais benigna de agora. Principalmente se a doença não alastra para rios da Europa Continental.

Aguardo com muito interesse a informação do resultado obtido em Inglaterra com a utilização de ovos de Salmões doentes, a que já me referi nestas colunas.

Há uma coisa muito curiosa com esta doença: a maior resistência das trutas mariscas ao flagelo.

São tudo pontos ainda obscuros, em volta dos quais os cientistas britânicos e norte-americanos se debruçam num firme propósito de resolver a charada...

Entretanto, continuaremos à espera — se possível — de melhores dias para os nossos pescadores.



Não deixes para amanhã...

Uma directiva necessária ao Lavrador Português

CLARO que toda a gente é capaz de acabar a frase pois quem haverá que não conheça o ditado? Mas quando se trata de o pôr em prática tudo muda de figura. Porquê, não o sabemos muito bem.

Há quem diga que é por causa do clima e há quem diga que é porque nós, portugueses, estamos sempre à espera do melhor. Mas o que é certo é que o «amanhã também é dia» parece estar-nos sempre no espírito de modo que «de amanhã em amanhã, perde o carneiro a lã» lá chegamos ao dia em que a nossa falta de previsão nos vem meter em desnecessários trabalhos. Isto é geral, salvo as honrosas excepções, mas de momento interessa-nos muito em especial um caso particular. O dos lavradores que possuem ceifeiras-debulhadoras Claas. Em havidas conversas com o pessoal técnico da Agro-Reparadora vieram a lume alguns exemplos desta nossa generalizada maneira de ser, amiga de adiar e confiar no «temos tempo». Sucede que parece ser costume, acabada a campanha, arrumar a ceifeira-debulhadora até que venha a ser de novo

necessária. Ora é evidente que este período de inactividade da máquina, se fosse aproveitado para uma revisão cuidada, para uma boa observação a fim de verificar se existe acaso a necessidade de uma afinação, da substituição de uma peça, etc., viria certamente prover a posteriores amargos de boca para o lavrador. Pois se qualquer deficiência se vem a encontrar apenas quando a campanha já está iniciada, ela vem representar um atraso. Um atraso que, como o lavrador muito bem sabe, poderá significar perdas irrecuperáveis.

A Agro-Reparadora tem um eficiente serviço de assistência pós-venda, prestado por técnicos especializados e mantém, em vários pontos do país, adequados stocks de peças sobresselentes para as ceifeiras-debulhadoras Claas. Saibam os nossos já modernizados lavradores, aqueles que caminham com o progresso no sentido de uma industrialização da lavoura, utilizar esses serviços a bom tempo e cremos que só terão a ganhar em rapidez, segurança e, muito importante, em lucro monetário.



Serviço de

CONSULTAS

REDACTORES—CONSULTORES

Prof. António Manuel de Azevedo Gomes — do *Instituto S. de Agronomia*; Dr. António Maria Owen Pinheiro Torres, Advog.; Dr. António Sérgio Pessoa, Méd. Veterinário; Artur Benevides de Melo, Eng. Agrónomo—*Chefe dos Serviços Fitopatológicos da Estação Agrária do Porto*; Prof. Carlos Manuel Baeta Neves — do *Instituto Superior de Agronomia*; Eduardo Alberto de Almeida Coquet, Publicista; Dr. José Carrilho Chaves, Médico Veterinário; José Madeira Pinto Lobo, Eng. Agrónomo, J. Pinto Machado — *Arquitecto*; Mário da Cunha Ramos, Eng. Agrónomo — *Chefe do Laboratório da Estação Agrária do Porto*; Pedro Núncio Bravo, Eng. Agrónomo — *Director da Escola de Regentes Agrícolas de Coimbra*; Vasco Correia Paixão, Eng. Agrónomo — *Director do Posto Central de Fomento Apícola*.

XIX—MEDICINA VETERINARIA

N.º 27 — Assinante n.º 45 508 — *Alcobaça*.

COMBATE À DIARREIA DOS LEITÕES

PERGUNTA—Tenho uma marrã prestes a parir e receio que desenvolva na criação a diarreia branca. Já há quatro anos que deixei de fazer criação por virtude desta doença.

Por isso, venho pedir o favor de me indicar qualquer tratamento preventivo ou curativo no caso de se manifestar a doença.

RESPOSTA—Esta zoonose porcina, no geral é provocada por anemia.

Por isso deve injectar-se intramuscularmente a cada leitão, no 3.º ou 4.º dia de vida, uma dose de ferro, na região da coxa.

Indicamos quaisquer dos seguintes:

"Injex"—2 cc. Vende-se em frascos de 20, 50 e 100 cc.

"Ducrofer"—2 cc. Em embalagens de 50 cc.

"Pigdex-100"—2 cc. Em embalagens de 20 cc.

"Suplefer-110"—1 cc. Vende-se em embalagens de 20 e 50 cc.

Os leitões devem aos 8 dias (claro com bom tempo) ir para a terra cavada que revolvem com a tromba, e que contém oligo-elementos e o «factor de crescimento», tão útil para o seu desenvolvimento e até certo ponto combate a anemia dos leitões. — *Carrilho Chaves*.

XXIII — DIREITO RURAL

N.º 28 — Assinante n.º 42 551 — Marco de Canaveses.

AINDA O ABONO DE FAMÍLIA E OS CASEIROS

PERGUNTA—Muito obrigada pela sua amável resposta; eu tinha muito que dizer sobre estes assuntos e outros referentes à nova orientação, mas não o quero maçar mais. Só mais uma pergunta: porque é que o termo de *caseiro* pode dar lugar a confusões; se aqui no Norte é o mais usado, achando preferível o termo de *arrendatário*. É posto, já se vê, no lugar das observações e pondo-se *arrendatário* não é necessário pôr permanente? E sendo o termo de *arrendatário*, não obriga o senhorio a segurá-lo? Isto é a fazer que tem seguro?

Houve um advogado que aconselhou a riscar o termo *patronal* que vem antes do nome do proprietário, cita assim: entidade *patronal* contribuinte; riscar o *patronal*, porque seria? E a seguir a estas duas designações, o nome do proprietário da terra.

Só queria este esclarecimento, pois penso seguir a opinião de V., sempre é mais certo do que escrever como me aconselharam: permanente em regime de contrato misto de arrendamento e parceria agrícola. E risco o *patronal*? Seguindo o conselho de V., escrevendo *arrendatário*?

Termino, agradecendo, mas muito confusos são os portugueses. Se fosse a pôr jornaleiros, não apareciam meia dúzia em todo o concelho. Infelizmente, é coisa que não existe, e os poucos são velhos e têm reforma pelos genros ou filhos.

RESPOSTA—1. Referi na minha anterior resposta à consulta de V. Ex.^a que o termo *caseiro* poderia dar lugar a confusões, porque, não sendo o termo empregue pelo legislador, mais tarde poderia ser interpretado (muito embora, como muito bem refere, no Norte seja termo usualmente significando *parceiro*) jornaleiro permanente vivendo em casa dos patrões. Assim achei preferível o de *arrendatário*.

2. Não me parece por outro lado muito exacto que se designe por *permanente em regime de contrato misto de arrendamento e parceria agrícola*, na medida em que o novo Código Civil terminou com a figura do contrato de parceria agrícola.

3. Acresce que o facto de se referir que é *permanente* me parece não ter qualquer significado útil, pois o *arrendatário* será sempre permanente enquanto durar o arrendamento.

4. Concordo inteiramente que seja riscado o termo *patronal*. Desse modo ostensivamente se exclui o carácter de trabalhador por conta doutrem, que não existe de facto.

5. Só em relação aos trabalhadores por conta doutrem poderá haver responsabilidade da entidade *patronal* por acidentes de trabalho. Assim, não o sendo o *arrendatário*, não tem ele que ser incluído no seguro. — A. M. O. Pinheiro Torres.

*

N.º 29 Assinante n.º 36 881 — Ponte de Sor.

ARRENDAMENTO RURAL. CADUCIDADE POR MORTE DO USUFRUTUÁRIO-SENHORIO

PERGUNTA — Um nosso associado explora, em regime de arrendamento, um prédio rústico, com a área de 600 ha, sendo o senhorio apenas usufrutuário.

Como se trata de senhorio usufrutuário, não podendo o *rendeiro* exigir uma escritura de arrendamento, receia fazer melhoramentos, tais como: barragens, limpezas de matos no sobreiral, adubações em olival, sementeira de pastagens, etc., visto que lhe foi dito que o arrendamento terminava no dia da morte do senhorio.

Se a informação que obteve está certa, no caso do falecimento do usufrutuário, qual a responsabilidade do dono da terra em relação às benfeitorias, searas de sequeiro e regadio, feitas pelo *rendeiro*?

O *rendeiro* tem ovelhas, cabras e vacas que, segundo a informação, terá que retirar das pastagens logo que se dê o falecimento do usufrutuário. A lei em vigor não prevê um determinado prazo para o *rendeiro* resolver o seu problema?

RESPOSTA — 1. Efectivamente, nos termos da alínea c) do art. 1051.º do Código Civil, o arrendamento caduca por morte do usufrutuário; isso no entanto não quer dizer que, enquanto vivo, ele não tenha toda a legitimidade para celebrar contratos de arrendamento em relação aos bens de que é usufrutuário, pois essa será uma das formas de usufruir.

2. A caducidade do arrendamento, no entanto, tratando-se do arrendamento rural, só pode ser exigida no fim do ano agrícola em curso ao tempo em que faleceu o usufrutuário, decorridos que sejam três meses (art. 1053.º do Código Civil).

Exemplo: Se o usufrutuário falecer em 10 de Agosto, o arrendamento só caduca em 30 de Setembro do ano seguinte, pois, decorridos três meses a partir da

sua morte, entrou-se em novo ano agrícola. Assim, só os falecimentos dos usufrutuários ocorridos antes de 1 de Julho provocam a caducidade do arrendamento em 30 de Setembro seguinte.

3. Se, no entanto, falecido o usufrutuário, o locatário se mantiver no gozo da coisa, sem opposição do senhorio, durante um ano a partir do momento em que o contrato poderia ser considerado caduco, este considera-se renovado (art. 1056.º do Código Civil).

4. Se as benfeitorias feitas pelo arrendatário foram feitas com o consentimento do usufrutuário-senhorio, parece que aquele pode ser indemnizado caso o arrendamento venha a ser considerado caduco. Não tendo obtido a referida autorização, o arrendatário poderá levantá-las, desde que o prédio não sofra com isso. (art. 1074.º do Código Civil). — A. M. O. *Pinheiro Torres*.

*

N.º 30 — Assinante n.º 35 580 — Porto.

MUROS DE VEDAÇÃO OU SEBES VIVAS MARGINAIS ÀS ESTRADAS NACIONAIS

PERGUNTA — Tenho na provincia uma pequena propriedade, à beira de uma estrada nacional de 1.ª (Porto-Vila Real) que tinha uma sebe a vedá-la da estrada e uma pequena cancela de ferro, por onde podia, todavia, passar um carro de bois.

Recentemente, uma camioneta foi contra a cancela e deitou abaixo as ombreiras e amassou a cancela de ferro, do que fui indemnizado.

Talvez me conviesse fazer um muro na vedação, mas as estradas impõem-me o alinhamento, obrigando-me a recuar entre 0,5 a 1 metro.

Quais os direitos nas estradas nestas condições? Indemnizam do terreno que somos obrigados a ceder-lhes?

Qual a altura do muro que se pode construir e que outras exigências impendem sobre o mesmo?

No caso de resolver manter a sebe, há também alguma determinação sobre as plantas da mesma?

RESPOSTA—1. Dispõe efectivamente o art. 106.º do Estatuto das Estradas Nacionais (aprovado pela Lei n.º 2037, de 19-8 49) que as vedações à margem da estrada deverão ser alinhadas, em relação ao eixo das mesmas, a 6,5 metros (nas estradas de 1.ª e 2.ª classe) e a 5 metros (nas de 3.ª classe), podendo tal alinhamento ser alargado, quando se julgue conveniente, pelo interior das curvas (§ 2.º) ou

poderá ser autorizada vedação provisória, pela linha que divide o terreno particular do chão do dominio público, quando daí não advenha inconveniente para o interesse público (§ 3.º).

2. Assim se o Sr. Consulente pretende construir um muro de vedação novo terá que se submeter a estes alinhamentos, pelos quais, na medida em que não deixa de ser proprietário do terreno para fora do mesmo e até ao chão do dominio público, não terá direito a qualquer indemnização (art. 160.º).

3. O muro não poderá ter altura superior a 1,20 metro acima do nível da berma, a não ser que sirva de suporte a terreno sobranceiro à estrada (o que não deve ser o caso). Podem os muros, no entanto, ser encimados por uma guarda vazada cuja altura poderá ir até 80 centímetros acima do curvamento do muro; a altura da guarda pode ser superior, desde que conjuntamente com a do muro (de altura inferior a 1,20 metro) não exceda 2 metros.

O vazamento terá de ser de, pelo menos, 50 por cento da superfície da guarda (§§ 1.º e 2.º do art. 105.º). As vedações irregulares de pedra solta ou com mau aspecto são proibidas (§ 3.º do art. 105.º).

Não pode ser empregue arame farpado em vedações a altura inferior a 2 metros acima do nível da berma, nem serem colocados pedaços de vidro no coroamento dos muros (§ 4.º do art. 105.º).

4. A construção de qualquer vedação por proprietários de terrenos abertos confinantes à estrada terá de ser previamente autorizada (art. 105.º).

5. Mantendo a sebe, não há — que eu saiba — qualquer determinação sobre as plantas que a deverão constituir; como ela, no entanto, já existe sugiro ao Sr. Consulente que a não modifique, pois, fazendo-o, poderá ser considerado pela Direcção das Estradas que está a construir vedação nova, tendo portanto que respeitar os alinhamentos acima aludidos.

6. As vedações em sebe viva poderão (mediante autorização superior) exceder os limites de altura acima referidos, quando por esse facto derive embelezamento da estrada e não haja prejuizo para a vista de panoramas interessantes (n.º 5 do § 1.º do art. 105.º). — A. M. O. *Pinheiro Torres*.



INFORMAÇÕES

13.^{os} Jogos Florais (9.^{os} Nacionais — 4.^{os} Luso - Brasileiros) do Grupo Desportivo da C.U.F.

Realizaram-se mais estes Jogos Florais, que vão despertando, de ano para ano maior interesse. Assim o prova o número de trabalhos submetidos à apreciação dos respectivos jurís e que foram desta vez

Poesia obrigada a mote	140
Poesia lírica	363
Soneto	234
Quadra	595
Conto	74

e ainda foram rejeitados por não estarem nas condições regulamentares 458. Ao todo 1864 produções ou não fossemos País de poetas.

Não nos é possível publicar os nomes dos galardoados — 3 prémios e 8 menções honrosas em poesia obrigada a mote; 4 prémios e 12 menções honrosas em poesia lírica; 3 prémios e 11 menções honrosas em soneto; 3 prémios e 14 menções honrosas em quadra e 3 prémios e 7 menções honrosas em conto.

Tratamento de «tutores» para vinha

Há muitas regiões onde as vinhas, mesmo em plantação nova, já adaptada à mecanização, não são aramadas, usando-se tutores individuais, com frequência de pinho.

Nestes casos há toda a vantagem em proceder ao tratamento desses tutores, especialmente da parte que vai ficar enterrada, não só para aumentar a sua duração como até para melhor sanidade da vinha. De facto, além de insectos, de bolores, etc., que existem sempre no solo, certos fungos que provocam na videira a «podridão radicular», desenvolvem-se também nos tutores de pinho infectando o terreno e facilitando a contaminação das cepas.

Um dos tratamentos mais simples consiste na imersão dos tutores em tanques ou barricas com soluções fortes de sulfato de cobre a 5%, já depois de aguçados para enterrar.

Caso se disponha de bidões metálicos, pouco atacados pela solução de sulfato de cobre, como são os de ferro zincado e os estanhos, por exemplo, poder-se-á fazer o tratamento a quente, colocando o bidon sobre fornalha e mergulhando uns tantos tutores na solução de sulfato de cobre.

A vantagem do aquecimento é em especial aumentar a penetração, mas como nem sempre é fácil dispor daqueles meios, pode proceder-se ao tratamento a frio, deixando os tutores mergulhados na solução de sulfato durante 3 a 4 dias. Se existirem tanques suficientemente espaçosos, pode fazer-se o tratamento do tutor completo.

Uma vez retirada a seca ao ar, essa madeira fica pronta a ser colocada e em melhores condições de conservação.

Boletim Meteorológico para a Agricultura

forneido pelo

Serviço Meteorológico Nacional

Influência do tempo nas culturas

2.^a Década (11-20) de Março de 1970

A falta de chuvas, os ventos fortes e as geadas têm prejudicado as culturas, as árvores de fruto e as pastagens.

Os trabalhos agrícolas, próprios da época têm decorrido em boas condições tendo-se feito cavas, plantações, sementeiras, mondas, podas, enxertias, apanha de citrinos, etc..

3.^a Década (21-31) de Março de 1970

A falta de chuvas tem impedido, de uma maneira geral, o desenvolvimento de todas as culturas e as geadas têm prejudicado as árvores fruteiras e as pastagens. No entanto, nas regiões de noroeste, centeio, favais, lameiros e hortas encontram-se em estado razoável.

O bom tempo tem favorecido a execução dos trabalhos agrícolas próprios da época. Fizeram-se cavas, adubações, plantações, sementeiras, mondas, podas, enxertias, apanha de citrinos, tratamentos fitossanitários, etc..



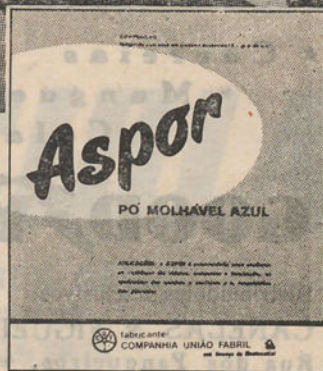
**POR QUE É
QUE OS HOMENS
COM UMA VONTADE
MAIS FORTE
DE PROGREDIR**

USAM ASPOR?



Todos queremos progredir. Todos queremos uma vida melhor.
Uns conseguem-na. Outros não.
É que há homens com uma vontade mais forte.
Homens que vão longe. Esses preferem Aspor.
O Aspor dá cabo do mildio. É eficaz, persistente, económico.
Com Aspor—as suas vinhas são mais sãs, mais fortes!
Com Aspor—uvas fartas, pipas cheias, lucros graúdos!
Use Aspor e viva melhor!

ASPOR MAIS FORTE QUE O MÍLDIO MAIS FORTE



ANTES DE USAR LEIA O RÓTULO

**CASA DE CAMPO
OU PEQUENA PROPRIEDADE**

COMPRA-SE
até 60 kms. do Porto

Carta com todas as informações à
Redacção da
"Gazeta das Aldeias" com o n.º 4465

Moto-Ceifeiras
alemãs, com motor JLO

a Esc. 9.975\$00



Gutbrod

Agência Geral Gutbrod

Rua de José Falcão, 152-156
Telefs. 20947 e 20948 — PORTO

- * Correias
- * Mangueiras
- * Colas

GOOD YEAR

Distribuidores Exclusivos:

CANELAS & FIGUEIREDO, L.DA
Rua dos Fanqueiros, 46 — LISBOA

Os produtos da

UMUPRO
LYON - FRANCE



"Umurat" Cube

3139

Raticida moderno à base dum anticoagulante do sangue.

Agindo por hemorragias internas sem sintomas alarmantes para os restantes. Em cubos prontos a utilizar mas recuperáveis quando não consumidos.



"Helicide granulado"

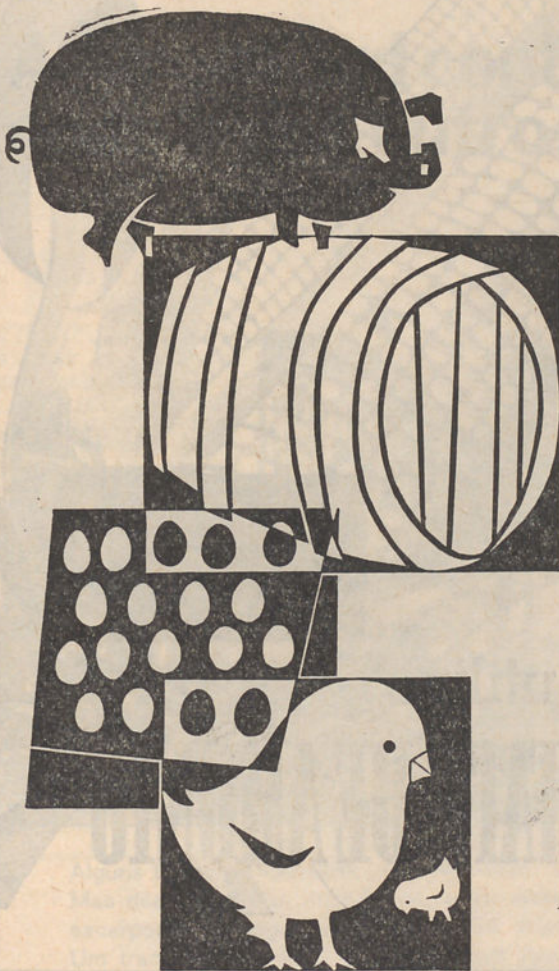
Produto efficacíssimo na extinção dos caracóis, à base de metaldeído.



"Umucortil granulado"

Para combate aos ralos à base de clordane.

são distribuídos em Portugal por
Ferreira, Rio & C.a, L.da
Rua do Almada, 329-1.º — Telef. 23007 — PORTO



**Na chamusca
dos porcos**

**Na extracção
de sarro
do vasilhame**

Nas chocadeiras

**Nas criadeiras
de pintos**

4127



PROPACIDLA

**O MELHOR GÁS
AO SERVIÇO
DA INDÚSTRIA**

Candeia que vai à frente alumia duas vezes

A Casa Malta
continua a fornecer
nas melhores condi-
ções todos os tipos de:

A d u b o s
Insecticidas e
Fungicidas

M á q u i n a s
agrícolas

e ainda toda a varie-
dade de

Sementes

para *Horta, Prado*
Jardim e Pastos.

Bolbos

recebidos directa-
mente da Holanda:
Jacintos, Narcis-
os, Iris, Tulipas,
Ranúnculos,
Anémons,
etc., etc.

No seu próprio inte-
resse, consulte sempre

Malta & C.^a L.^{da}

R. Firmeza, 519—PORTO
Telefone, 20315

2697



utilize

SULFATO DE AMONIO

A.P. 6/A

3104

Gadanhos Campino

Óptima qualidade e baixo preço

Use-a na ceifa de cereais e forragens.

Peça-a à firma importadora

Bento Peixoto & Lopes, Lda.

Armazém de ferro, ferragens e ferramentas

4437

Rua Mousinho da Silveira, 79-83 — PORTO

*O Caminho de Ferro é o transporte ideal,
pois é seguro, rápido, prático e económico.*

1693

A força Ford continua onde a dos outros acaba.



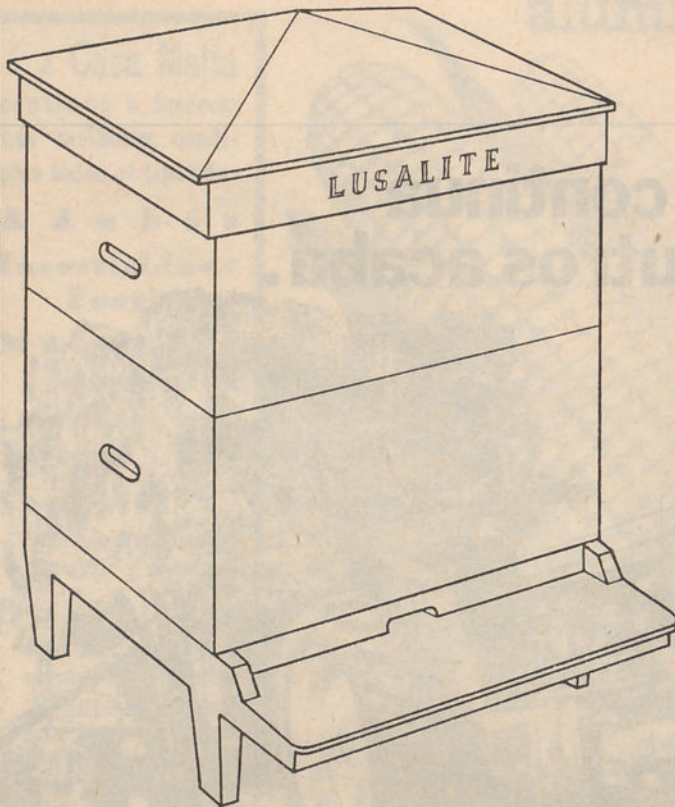
Alguns tractores são bons enquanto fazem trabalhos fáceis. Mas dêem-lhes algo mais árduo, como arrastar grandes cargas e vencer uma encosta escarpada, ou segar forragem, e eles depressa desistem. Um tractor Ford nunca o deixará ficar mal. Nós dedicamos mais tempo e cuidado aos projectos das nossas máquinas. Dão mais confiança. Produzem uma maior quantidade de força de tracção. E têm a robustez necessária para enfrentarem todas as espécies de condições. Ainda que sujeitos a árduas tarefas, funcionam com muito mais energia que os tractores vulgares. Exija ao seu concessionário Ford uma demonstração que lho prove.



A força Ford. Você não encontrará trabalhadores mais resistentes.

FORD LUSITANA COM CONCESSIONÁRIOS DE TRACTORES EM TODO O PAÍS

4460



Colmeias LUSALITE

em

TRÊS MODELOS:

Prática * Reversível e Lusitana

- * Não se alteram com a humidade
- * Não envelhecem com o tempo
- * Não apodrecem * Não fendem
- * Não empenam
- * Não criam parasitas
- * Não são atacadas pela linha
- * Protegem as abelhas contra o frio e calor demasiados

Com as colmeias LUSALITE atingem-se produções muito maiores do que as obtidas com qualquer outro tipo.

Peça tabelas à



LUSALITE

Soc. Portuguesa de Fibro-Cimento, s. n. r. l.

Rua de S. Nicolau, 123

Telef. 322091

LISBOA-2

R. Sá da Bandeira, 70-2.º - Tel. 25956 - PORTO

ou aos seus Revendedores, estabelecidos nas principais praças do País

4459

Motores e Grupos de Rega

VILLIERS

MOTORES A PETRÓLEO

QUATRO TEMPOS

MARK 12, MARK 15, MARK 25, MARK 4/3B

1,5 HP 2,5 HP 3 HP 5,5 HP

GRUPOS DE REGA DE

1 1/2" 2" 2 1/2" 3"

ENCONTRÁ-LOS-Á NAS BOAS CASAS DA SUA REGIÃO

REGUE COM VILLIERS E REGARÁ TRANQUILO

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL

SOCIEDADE TÉCNICA DE FOMENTO, LDA.

PORTO — Av. dos Aliados, 168-A

Telef. 26526/7

LISBOA — R. Filipe Folque, 7-E e 7-F

Telef. 553393-555389

3582



BASF

**GRANDE
CONCURSO:**

3 TRACTORES **AGRI** E
MIL VALIOSOS PRÉMIOS!

CONCORRA !!

Basta preferir Polyram-Combi.
Em cada embalagem há uma
senha que o habilita a todos
estes prémios de grande valor.

Cole a senha num postal
e envie-a a BASF
Apartado 1438
Lisboa

Polyram Combi

UM PRODUTO ALEMÃO

UM ARRAIAL DE TROLHA SÓ COM POLYRAM NA FOLHA!

4450



HÚMICA

Distribuidora dos afamados **Milhos Híbridos Cargill** comunica que acaba de receber um carregamento dessas acreditadas sementes americanas e que continua apta a fornecer todas as restantes e magníficas variedades de **Milhos** e **Sorgos Híbridos** da sua famosa colecção, que inclui também as cultivares nacionais **HB-4, HB-7, HP-21A e HV-9.**

.....
HÚMICA-Exploração de Adubos, Correctivos, Pesticidas e Sementes, Lda.

R. da Madalena, 192-1.º Esq. — Telef. 871856 — LISBOA-2

4467

Sociedade Agrícola da Quinta de Santa Maria, S. A. R. L.

OS MAIORES VIVEIROS DO NORTE DO PAÍS

Plantas vigorosas e devidamente seleccionadas, de fruto, barbados americanos, *arbustos* para jardins, para sébes, para parques e avenidas, *roseiras, trepadeiras*, etc.

Serviços de assistência técnica e Instalação de pomares

No seu próprio interesse, visite os n/ viveiros

Peça catálogo grátis

Fornecimento de animais das melhores procedências, rigorosamente seleccionados e acompanhados de registo genealógico.

☐ *Gado bovino leiteiro* (Holstein-Frisian)

☐ *Suínos da raça Yorkshire* (Large White)

3684

Todos os fornecimentos de animais são feitos por encomendas previamente confirmadas.

Departamentos de venda:

Viveiros: — Carreira — Silveiros (Minho) — Telef. 96271 — NINE

Gados: — Apartado 4 — Barcelos — Telef. 82340 — Barcelos



PILULAS DE **ALHO** ROGOFF

EXTRACTO CONCENTRADO DE ALHO FORTE



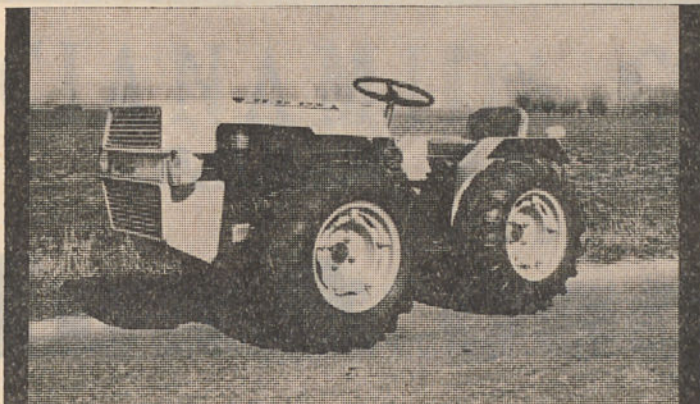
PARA CHEGAR A MESMA
 IDADE E ESTAR AINDA FRES-
 CO E CHEIO DE VITALIDADE
 TOME AS FAMOSAS PILULAS

ROGOFF

M-WOELM-ESCHWEGE Armador
Quilómetros

Representantes:
CREFAR — J. C. Crespo, Lda
 Rua da Madalena, 193-197
 LISBOA-2

4463



PGS

Tractores
especializados para
trabalhos em
vinhas e
pomares



Simplicidade de manejo, robustez,
economia e versatilidade.

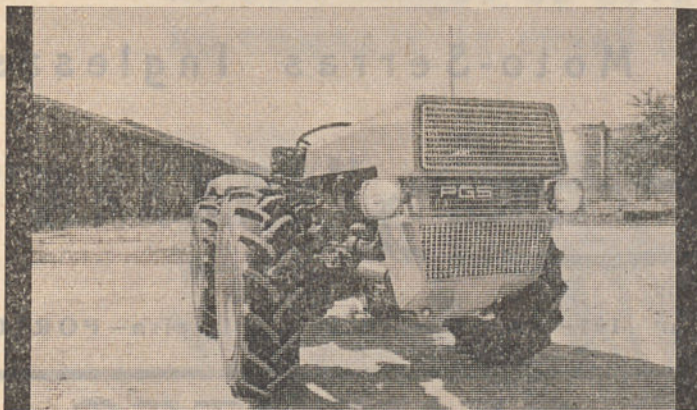
Modelos de 20, 30 e 45 HP
com largas reguláveis.

Articulação central com
«Cardan» duplo.

Os tractores de 30 e 45 HP são
equipados com sistema
hidráulico de três
pontos Portamatic,
reduzoras nas 4 rodas,
d direcção assistida
hidráulicamente e duas
tomadas de força.

As máquinas melhor
adaptadas às condições
da lavoura portuguesa.

Assistência técnica
assegurada em qualquer
ponto do país.



SOLICITA INFORMAÇÃO COMPLETA DO MODELO: _____

Nome _____

Morada _____

cutee envie - nos colado num postal _____



J.J. GONÇALVES, SUCRS. S.A.R.L. ao serviço da lavoura

AZINHAGA DOS LAMEIROS - ESTRADA DO PAÇO DO LUMIAR - LISBOA-4 - TEL. 79 40 95-96-97-98

Combata o

Míldio da Vinha

com

Folpec Azul



Um fungicida orgânico que, além do notável efeito sobre o MILDIO da vinha e de outras culturas, tem ainda acção contra os OÍDIOS

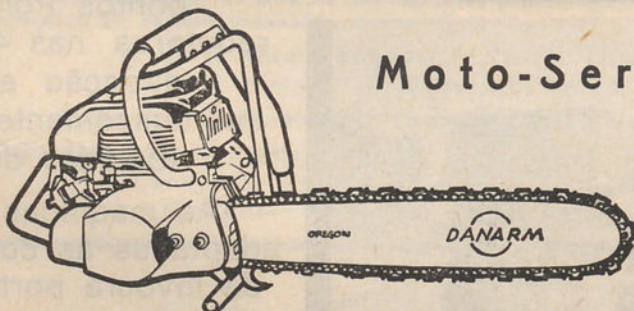
3686

PARA QUALQUER ESCLARECIMENTO CONSULTE OS SERVIÇOS AGRONÓMICOS DA

Lisboa
Rua Vitor Cordon, 19
Telef. 366426

SAPEC

Agência no Porto
R. Sá da Bandeira, 746-1.º Dt.º
Telef. 23727



Moto-Serras Inglesas

"DANARM"

4291

CASA CASSELS 191—Rua Mousinho da Silveira—PORTO

SEMENTES

1862

ALÍPIO DIAS & IRMÃO recomendam aos seus Amigos e Clientes, que nesta época devem semear as seguintes variedades:

Alfaxes, Beterrabas, Couves diversas: Couve flores, Couves bróculos, Penca de Chaves, Penca de Mirandela, Penca da Póvoa, Repolhos, Tronchuda, Ervilhas de grão, Espinafres, Rabanetes, assim como: Azevém, Erva molar, Lusern, Lawn-grass Ray-grass, Trevos, etc., etc. e ainda uma completa coleção de **Flores**.

Se deseja SEMEAR E COLHER dê preferência às sementes que com todo o escrúpulo lhe fornece a

«SEMENTEIRA» de Alípio Dias & Irmão

Rua Mousinho da Silveira, 178 — Telefones 27578 e 33715 — PORTO
CATÁLOGO — Se ainda não possui, peça-o
N. E. — Peças especiais para revenda que lhe será enviado gratuitamente



CIANAMIDA CÁLCICA

GAL AZOTADA

20-21% DE AZOTO

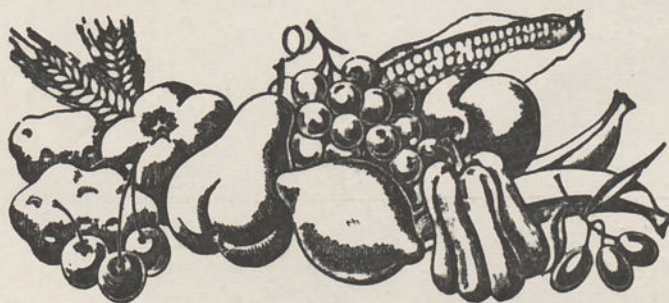
**O ADUBO AZOTADO COM
MAIOR PERCENTAGEM DE CAL**

***OS MELHORES RESULTADOS EM SOLOS ÁCIDOS
NAS SEGUINTE CULTURAS:***

**ARROZ, MILHO, CEREAIS DE PRAGANA,
BATATA, OLIVAL, VINHA, POMAR, etc.**

E AINDA

**NA PREPARAÇÃO DE ESTRUMES E
NO COMBATE ÀS ERVAS DANINHAS**



COMPANHIA PORTUGUESA DE FORNOS ELÉCTRICOS

**INSTALAÇÕES FABRIS
CANAS DE SENHORIM**



**SERVIÇOS AGRONÓMICOS
LARGO DE S. CARLOS. 4-2.º
LISBOA — TELEFONE 368989**

se é ROTAVATOR é HOWARD



BB-HR-01
DB

a fresa-sachador rota
tivo-mais resistente e
perfeita do mundo...

HOWARD
ROTAVATOR

J. J. GONÇALVES SU CRS. S. A. R. L.
AO SERVIÇO DA LAVOURA
Rua Alexandre Braga, 36 - PORTO

